

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**FOUCAULT, O CORPO E A FILOSOFIA**

GOIÂNIA  
2008  
VINICIUS VIEIRA BRITO

VINICIUS VIEIRA BRITO

**FOUCAULT, O CORPO E A FILOSOFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do grau de mestre em História. Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades. Linha de Pesquisa: *Sertão, Regionalidades e Projetos de Integração*. Orientador: Professor Dr. Marlon Jeison Salomon

GOIÂNIA

2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(GPT/BC/UFG)

**Brito, Vinícius Vieira.**  
**G B862f      Foucault, o corpo e a filosofia [manuscrito] /**  
**Vinícius Vieira**  
**Brito.- 2008**  
**113 f.**

**Orientador: Prof. Dr. Marlon Jeison Salomon.**

**Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás.**  
**Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2008.**

Bibliografia: f. 94-98.

1. Filosofia francesa 2. Foucault, Michel 3. Corpo e alma (filosofia) 4. Epistemologia I. Salomon Marlon Jeison.
- II. Universidade Federal de Goiás. **Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia** III. Título.

**CDU: 1(44)**

VINICIUS VIEIRA BRITO

**FOUCAULT, O CORPO E A FILOSOFIA**

Dissertação defendida pelo Programa de Pós-graduação em História, nível Mestrado, da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Professor Doutor Marlon Jeison Salomon/ UFG  
Presidente

---

Professor Doutor José Ternes/UCG  
Examinador

---

Professor Doutor Daniel Lins/UFG  
Examinador

---

Professor Doutor Carlos Oiti Berbert Júnior/UFG  
Suplente

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Daniel Lins por se dispor a participar da defesa desta dissertação e pelos artigos e palestras contagiantes. Ao professor José Ternes, que também faz parte da banca examinadora e que muito colaborou para o caminho aqui seguido, agindo como um co-orientador informal. Ao professor Marlon Salomon, pela orientação de fundamental importância, pelas aulas de alto nível, pelo grupo de estudos que me ajudou a deixar para trás certas visões ultrapassadas. Aos amigos e companheiros de pesquisa, Javã e Leonardo, pelas intermináveis conversas e discussões. Aos companheiros de farra: Fernanda, Fellipe, Glauber, Jéssica, Moreno, Flaviany, Yuri, Renato, Rodrigo e Flávio. Aos que serão meus amigos para sempre, mesmo na distância: Juliana Damázio, Carlos Eduardo e Bruno. À minha mãe, pelo apoio e força. Agradeço ainda à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que financiou estes dois anos de pesquisa.

*Depus a máscara e vi-me ao espelho. —  
Era a criança de há quantos anos.  
Não tinha mudado nada...  
É essa a vantagem de saber tirar a máscara.  
É-se sempre a criança,  
O passado que foi  
A criança.  
Depus a máscara, e tornei a pô-la.  
Assim é melhor,  
Assim sem a máscara.  
E volto à personalidade como a um término de linha  
Álvaro de Campos*

## RESUMO

Dada a importância atual de se tomar o corpo como objeto de reflexão, analisaremos, nesta dissertação, o surgimento do conceito de corpo na obra do filósofo francês Michel Foucault. Mas ao contrário dos estudos sobre ele, que discutem o corpo sobretudo em *Vigiar e Punir* e na *História da Sexualidade*, delimitaremos como objeto o corpo na obra *O Nascimento da Clínica*, livro que faz uma história do surgimento do corpo-organismo com a emergência da medicina moderna, mais precisamente com a anatomia e fisiologia de Bichat. As dissecações feitas por este médico, no final do século XVIII, possibilitaram às ciências da vida o afastamento do legado de Descartes, que concebe o corpo como uma máquina. Ao traçar esta descontinuidade que culminou com o advento do corpo com órgãos, Foucault provoca uma cisão na história da relação da filosofia com o corpo, que era sempre pensado em referência ao corpo-alma de filosofia cartesiana.

Palavras-chave: corpo-alma, corpo-organismo, Foucault, medicina, epistemologia, filosofia.

## ABSTRACT

Given the current importance of taking the body as object of reflection, we will analyse in this dissertation, the appearance of the concept of body in the work of French philosopher Michel Foucault. But unlike the studies that exist about this concept, that discuss the body mainly in *Watch and Punishment* and the *History of Sexuality*, we will delimit as object, the body in the work *The Birth of the Clinic*. This book is a history about the appearance of the body-organism using the precepts of modern medicine, more specifically the anatomy and the physiology of Bichat. The dissections made by this doctor at the end of the XVIII century, permitted to the life sciences the removal of the legacy of Descartes, who conceives the body as a machine. Drawing this discontinuity that culminated with the advent of the body with organs, Foucault causes a split in the history of philosophy's relationship with the body, which was always thought in reference to the body-soul of Cartesian philosophy. Keywords: body-soul, body-organism, Foucault, medicine, epistemology, philosophy.



## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação</b>	10
<b>2. Capítulo 1: Foucault e o campo filosófico</b>	15
2.1. Merleau-Ponty e o corpo fenomenal	17
2.2. Canguilhem: o corpo e o meio	28
2.3. A importância do conceito de vida	42
<b>3. Capítulo 2: Do corpo alma ao corpo dissecado</b>	46
3.1. Bichat e o vitalismo	48
3.2. Doença: de essência à lesão	58
3.3. O corpo vivo	71
<b>4. Considerações Finais: A subversão do pensamento sobre o corpo</b>	85
<b>5. Referências</b>	94

## 1. Apresentação

Atualmente, assistimos a uma proliferação de estudos que tomam o corpo como objeto de reflexão. Ele deixou definitivamente de ser um objeto exclusivo das ciências da vida e passou a ser estudado em diferentes campos do saber, tais como a sociologia, a história, a antropologia, a psicanálise, a arte, etc. Mas se deixarmos nos levar pela configuração atual dos estudos sobre o corpo e aceitá-la como dada e natural estaremos cometendo um grave erro histórico. Se voltarmos um pouco no tempo, veremos que em um passado não muito distante, no início do século XX, não existia essa significativa quantidade de reflexões que tomavam o corpo como objeto no quadro das ciências humanas. Na primeira metade do século XX, são poucos os textos que tratam do corpo em uma perspectiva deslocada das ciências da vida. Dentre eles, devemos destacar os textos *As práticas corporais*, de Marcel Mauss, e *O processo civilizador*, de Norbert Elias, o primeiro antropólogo e o segundo sociólogo. Na filosofia, temos a obra de Maurice Merleau-Ponty, que fez importantes reflexões em *A Estrutura do Comportamento* e em *Fenomenologia da Percepção*, e as discussões de Sartre em *O ser e o nada*. Na epistemologia francesa temos um pequeno texto de Alexandre Koyré, *Aristotelismo e Platonismo na Filosofia Medieval*, e também os trabalhos de Georges Canguilhem, que desde *O Normal e o Patológico* formulou uma filosofia que se elaborou a partir do conceito de vida, tendo como pano de fundo o organismo. Na Alemanha, em 1934, Kurt Goldstein publicou o livro *A Estrutura do Organismo*, obra que é mais próxima das discussões da biologia, mas que serviu de referência para vários estudos filosóficos.

Na segunda metade do século XX, devemos sublinhar a importância para esse campo de pesquisa do trabalho do filósofo francês Michel Foucault, através de sua insistência em sublinhar o caráter histórico do corpo, das historicidades específicas através das quais ele se tornou aquilo que é para nós na modernidade, seja através dos investimentos médicos que nele repousaram, dos investimentos disciplinares, essenciais para o capitalismo industrial, ou mesmo dos investimentos da era vitoriana que o tornou máquina desejante.

A filosofia de Foucault ganhou visibilidade no meio acadêmico e passou a ser discutida em vários livros, revistas e colóquios. Dentre os trabalhos que tematizam o corpo em sua obra, notamos que as pesquisas de *Vigiar e Punir* e da *História da Sexualidade* são as que recebem mais atenção. Tornaram-se comuns discussões sobre os mecanismos disciplinares de poder que se expandiram por toda a sociedade ocidental, desde o século XVIII, através de instituições como a prisão, o hospital, a escola, o exército, a fábrica, etc. Poder que tem por objetivo controlar os corpos, fabricando um tipo de indivíduo necessário para a sociedade capitalista. Segundo Foucault, essas relações de poder são engendradas

de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade são o que podemos chamar as 'disciplinas'.<sup>1</sup>

Ela fabrica corpos submissos, aumentando suas forças em termos políticos de obediência.

Somadas às análises de *Vigiar e Punir*, as pesquisas sobre a biopolítica também gozam de elevado prestígio. Na aula ministrada no *Collège de France* em 17 de março de 1976, publicada em português sob o título *Em defesa da Sociedade*, e no primeiro volume da *História da Sexualidade*, *A vontade de saber*, o filósofo analisou esta estratégia de poder, definiu-a como poder de regulação da vida. Segundo ele, um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi a ascensão da vida pelo poder, a estatização do biológico. Esta nova estratégia de poder se contrapôs à lógica do poder soberano, o 'fazer morrer e deixar viver', impondo uma outra lógica, a do 'fazer viver e deixar morrer'.

Sem negar a importância destes trabalhos, tomaremos como objeto, nesta dissertação, as análises sobre o corpo feitas por Foucault na - assim definida como - primeira fase de seu pensamento, especialmente as que

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. RJ: Editora Vozes, 1987. p.118.

apareceram em *O Nascimento da Clínica*, obra que historiciza o surgimento do corpo-organismo através da história da medicina.

Se para a filosofia clássica o corpo obedecia passivamente às vontades da alma, manifestando a sua transparência, no mundo moderno somos obrigados a constatar, como afirma David Lapoujade, que o corpo 'não agüenta mais'. "Somos como personagens de Beckett, para os quais é difícil de andar de bicicleta, depois, difícil de andar, depois, difícil simplesmente se arrastar, e depois ainda, de permanecer sentado."<sup>2</sup> Mesmo nas situações mais simples do cotidiano, o corpo não agüenta mais. O corpo parece não poder mais agir nem responder mais ao ato da forma, como se o agente não tivesse mais controle sobre ele. Os corpos, no lugar de se formarem, cedem progressivamente a toda sorte de deformações. "Eles não conseguem mais ficar em pé nem ser atléticos. Eles serpenteiam, se arrastam. Eles gritam, gemem, se agitam em todas as direções, mas não são mais agidos por atos ou formas."<sup>3</sup> Nem mesmo o campo filosófico é poupado por este desmoronamento do corpo:

vejam as descrições de Foucault, os corpos doentes e dissecados do *Nascimento do Clínica*, ou a descrição do corpo supliciado de Damien que abre *Vigiar e Punir*. Vejam as descrições do corpo masoquista ou os corpos deformados das pinturas de Bacon tal como as descreve Deleuze...<sup>4</sup>

Tudo se passa como se o corpo não tivesse mais agente para fazê-lo ficar direito, ativo.

Nas palavras de Lapoujade sobre a impotência do corpo na modernidade, verificamos que esse corpo castigado, que não obedece mais aos comandos, é portador de uma obscuridade que nos faz desconhecer a sua atividade. O corpo coloca-se como o lugar inacessível ao pensamento, aparecendo de forma oposta ao corpo mecanicista, onde a alma tudo iluminava e clarificava. É este corpo obscuro, desconhecido e cheio de enigmas que Foucault toma como objeto em *O Nascimento do Clínica*. Ao contrário do corpo infinito, que se caracteriza como extensão na filosofia cartesiana, o que vemos

---

<sup>2</sup> LAPOUJADE, David. *O corpo que não agüenta mais*. in: *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Org. LINS, Daniel. e GADELHA, Sylvio. RJ: Relume Dumará, 2002. p.82

<sup>3</sup> Idem, p.82.

<sup>4</sup> Idem, p.83.

neste livro é o corpo visceral que se encontra morto no laboratório dos anatomistas, cortado e dissecado pela tesoura e pelo escalpelo, dando-se ao conhecimento somente após a morte. As análises que se apresentam neste livro são de extrema importância para a compreensão do conceito de corpo na obra de Foucault, mas os trabalhos que discutem o corpo em sua obra quase sempre o ignoram ou negligenciam. Quando muito, ele é lembrado nas discussões sobre a fase arqueológica, composta por *História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas e Arqueologia do Saber*.

No primeiro capítulo, analisaremos, neste nível específico de análise, as relações que Foucault estabeleceu com o campo filosófico francês. Não se trata, aqui, de remeter tal discussão a uma chave explicativa, a uma hermenêutica do autor, elaborada a partir de uma leitura muito geral, eliminando suas especificidades. Procuraremos mostrar, através de uma análise de como este tema foi abordado na filosofia francesa da primeira metade do século XX, quais os tipos de análise precederam as reflexões de Foucault sobre o corpo. O objetivo desta análise não é o de tratar de todas as obras que abordaram o corpo, mas daquelas que possuem maior relevância para a compreensão da obra de Foucault, a saber: Maurice Merleau-Ponty e Georges Canguilhem.

Em seguida, no segundo capítulo, adentraremos à obra de Foucault, analisando o corpo em *O nascimento da clínica*, na tentativa de desenvolver a hipótese de que esta obra provoca uma cisão na história da relação do pensamento filosófico com o corpo. Ao se deslocar dos temas clássicos da filosofia, tomando como objeto a medicina e a obra de Bichat, objetos estranhos à filosofia, Foucault coloca o corpo em evidência, mostrando que é um objeto de suma importância para a compreensão da modernidade. Assim, o corpo-organismo entra na cena da filosofia contemporânea.

Desde já, devemos deixar claro ao leitor que vários caminhos poderiam ser seguidos nesta pesquisa – e quiçá o serão num futuro próximo. Estamos cientes de que o nosso recorte chega a ser arbitrário em alguns casos, dada a importância de certos temas. Devemos lembrar aqui que simultaneamente ao surgimento da obra de Foucault, a obra de outro grande filósofo francês, Gilles Deleuze, procurou tomar o corpo como objeto. Na obra de Deleuze o corpo possui grande relevância quando trata da obra de outros filósofos como

Nietzsche, Espinosa, Bergson, Leibniz... e quando elabora uma filosofia em conjunto com Félix Guattari, na qual temos como um dos principais pontos o desenvolvimento do conceito de corpo sem órgãos, inspirado na obra de Antonin Artaud. Sobre este ponto, seria possível estabelecer uma conexão entre a historicização do corpo com órgãos, o nascimento do corpo-organismo, feita por Foucault, e a reflexão sobre como criar um corpo sem órgãos, em Deleuze e Guattari. A criação de um corpo sem órgãos pressupõe a existência de um corpo-organismo.

Outra obra de extrema importância é a de Nietzsche. É bastante conhecida a inspiração de Foucault no livro *A Genealogia da Moral* (que analisa as forças morais que procuram adestrar o corpo animal) para a criação do método genealógico que deu origem às pesquisas sobre as forças políticas que incidem sobre o corpo na constituição da modernidade. Mas, além desta inspiração, poderíamos ter relacionado as pesquisas de Canguilhem e Foucault às reflexões de Nietzsche sobre a biologia. Como mostrou Bárbara Stiegler, em *Nietzsche e a Biologia*, Nietzsche estava atualizado com as pesquisas dos biólogos e médicos do século XIX, utilizando estas pesquisas na elaboração de vários conceitos relevantes em sua obra, como o de vontade de potência. Partindo do corpo como fio condutor, Nietzsche se desvincula de uma filosofia centrada na verdade e na alma, produzindo uma filosofia que se afasta da unidade do sujeito, como acontecia em Descartes, e focando-se no fato de que o corpo é uma multiplicidade composta por forças em constante movimento.

Para terminar esta apresentação, resta dizer que atualmente é evidente que o corpo possui historicidade. São vários os trabalhos que tomam o corpo como objeto de reflexão histórica. Contudo, na década de 60, quando Foucault começou a enfatizar isto, esta constatação não era tão clara quanto o é hoje. Foucault trabalhou para preparar o contexto em que esta evidência se tornaria possível. O esforço deste trabalho é, freqüentemente, esquecido em benefício dos seus resultados. Por isso podemos dizer que ele foi um dos principais responsáveis por tornar visível, para filósofos e historiadores, o fato de que os critérios de verdade adotados pela ciência para a definição do corpo emergiram num determinado momento de seu desenvolvimento.

## 2. Capítulo I: Foucault e o campo filosófico

Se prestarmos atenção na biografia de Foucault, veremos que um curso foi de extrema importância em sua juventude. Trata-se do curso ministrado por Maurice Merleau-Ponty, sobre a união da alma e do corpo em Malebranche, Maine de Biran e Bergson. Foucault ficou tão entusiasmado com estas aulas que a partir delas elaborou seu primeiro projeto de tese, tendo como foco principal o nascimento da psicologia com os pós-cartesianos. Sabemos o quanto Merleau-Ponty, ao longo de sua obra, dedicou-se a pensar o corpo, numa clara oposição a Descartes, que o concebe como uma extensão da alma, uma máquina sujeita às leis da mecânica. Merleau-Ponty, o tempo todo, tenta desvincular-se dessa tradição de pensamento sobre o corpo apropriando-se das pesquisas da psicologia e das ciências da vida, construindo uma filosofia da percepção que se elabora a partir do conceito de organismo, entendendo-o como uma significação originária, como algo que precede o conhecimento. O conceito de fenomenologia, em *A Fenomenologia da Percepção*, é bem significativo e nos permite compreender o seu projeto:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas segundo ela, resumem-se em definir essências(...) Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade.<sup>5</sup>

Se considerarmos *O Nascimento da Clínica*, primeiro livro no qual Foucault tratou o problema do corpo, escrito dezesseis anos após as aulas de Merleau-Ponty, constataremos que as discussões levantadas por Foucault estão em oposição ao corpo fenomenológico, numa profunda distância em relação a ele. Se Merleau-Ponty afirma que o corpo próprio, definido pelas ciências da vida, deve ser encarado como uma experiência originária, como algo anterior ao conhecimento, Foucault irá dizer, logo na primeira página, que

---

<sup>5</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. SP: Martins Fontes, 1999. p.01.

o corpo-organismo, sólido, visível e dotado de profundidade, “é apenas uma das maneiras da medicina espacializar a doença. Nem a primeira, sem dúvida, nem a mais fundamental.”<sup>6</sup> Foucault evidencia assim o caráter histórico do corpo, historicizando as condições históricas que possibilitaram o surgimento do conceito de organismo no início do século XIX, com a medicina moderna. A filosofia que se apresenta aí está longe do projeto de definir essências, e Foucault critica esse tipo de filosofia veementemente, pois não se trata de definir a essência do corpo, mas traçar as historicidades que o constituíram tal como o percebemos.

Como explicar a distância do jovem Foucault, interessado pelos problemas levantados por Merleau-Ponty em 1947, com o Foucault de 1963, ano da publicação de *O Nascimento da Clínica*, totalmente em oposição a esse tipo de abordagem do corpo e da filosofia? Talvez o texto *A vida: a Experiência e a Ciência*, publicado pela *Revue de Metaphysique et de Morale*, numa edição em homenagem ao historiador e filósofo das ciências Georges Canguilhem, ajude-nos a compreender o afastamento da obra de Merleau-Ponty. Foucault desejava oferecer um texto inédito à Revista, mas como os problemas de saúde já vinham se agravando, limitou-se apenas a modificar o prefácio que havia escrito para a tradução americana de *O Normal e o Patológico*. Nesse texto podemos perceber como o próprio Foucault considerava as suas relações com o campo de pensamento no qual se formou, pontuando a importância da filosofia de Canguilhem em seu pensamento e no de vários outros intelectuais.

Foucault identifica uma linha divisória que parte de Husserl no pensamento francês da primeira metade do século XX. Essa linha

É a que separa uma filosofia da experiência, do sentido, do sujeito e uma filosofia do saber, da racionalidade e do conceito. De um lado a filiação que é a de Sartre e Merleau-Ponty; e depois uma outra, a de Cavallès, Bachelard, Koyré e Canguilhem.<sup>7</sup>

Foucault faz reflexões, contrastando estes dois campos, para marcar seu afastamento da filosofia do sujeito de Merleau-Ponty e para evidenciar a

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. p.01

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. RJ: Forense Universitária, 2005. p.353.



importância da epistemologia, especialmente a concebida por Canguilhem, na sua formação intelectual. É na obra de Canguilhem que podemos encontrar alguns pontos convergentes com as reflexões de Foucault sobre o corpo. No movimento de abandono do mecanicismo cartesiano, Merleau-Ponty se encanta bastante com as pesquisas da psicologia e da biologia, acredita que estas ciências são as que mais se aproximam da verdade originária do corpo. Coisa bem diferente acontece com os textos de Canguilhem. Apesar de não tratar diretamente da definição de corpo, ele sempre se utilizou do conceito de organismo para pensar filosoficamente, mas nunca desprezou o fato de ele ter sido elaborado historicamente no interior das ciências da vida. Em vez de se preocupar em saber se o corpo é um organismo ou uma máquina, sempre tratou da luta que é preciso empreender contra as forças de mecanização da vida, contra todas as forças que tenham por objetivo quantificar as relações do organismo com a saúde e a doença, desprezando seu caráter qualitativo. Canguilhem fez pesquisas históricas sobre a biologia, a medicina e a fisiologia para se apropriar de uma forma de definir o organismo em sua relação com o meio. O organismo é aquele que inventa possibilidades de vida em relação às dificuldades impostas pelo meio ambiente.

## **2.1. Merleau-Ponty e o corpo fenomenal.**

Como afirmam Nelson Coelho Júnior e Paulo Sérgio do Carmo, em *Merleau-Ponty: Filosofia como Corpo e Existência*, Merleau-Ponty não cessou de se contrapor àquele pensamento que tende a negar o enraizamento do homem no mundo, acreditando configurar-se como pensamento de fora, distanciado, que paira sobre o mundo. Partindo dessa preocupação, as relações do homem com o mundo, o filósofo da percepção encontrou inicialmente na psicologia os dados concretos que alimentaram sua busca. Desde cedo atentou-se para a importância de se estudar o conhecimento científico, em busca de um conhecimento mais concreto, de um pensamento capaz de dar conta do homem como ser-no-mundo.

Nas suas duas primeiras obras, *A Estrutura do Comportamento e Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty desenvolve um projeto filosófico de 'enraizamento' da consciência no corpo. Para tal enraizamento, o estudo

das teorias existentes na psicologia será, de início, um instrumento fundamental, sem que isso signifique que o filósofo tenha assumido as teorias psicológicas, ou mesmo uma teoria em particular como verdade a ser seguida, em oposição à atividade filosófica. “Os temas de suas duas obras iniciais (comportamento e percepção) são originalmente temas clássicos no desenvolvimento da psicologia como ciência a partir do século XIX.”<sup>8</sup> Nas próximas páginas, tratarei do conceito de corpo na obra de Merleau-Ponty. Para isso, analisarei o corpo nos livros *A Estrutura do Comportamento* e *Fenomenologia da Percepção*, partindo da discussão que promovem opondo-se a Descartes e se aproximando das discussões promovidas pela psicologia e pela biologia.

\* \* \*

Segundo Merleau-ponty, o início da filosofia cartesiana consistiu em abandonar as coisas extra-mentais que o realismo filosófico, fazendo um inventário, uma descrição da experiência humana sem nada pressupor inicialmente que o explique de fora. Em relação à percepção, a originalidade do cartesianismo é de se colocar no interior dela mesma, de não analisar a visão e o tato como funções do corpo, mas ‘unicamente pensamento de ser e de tocar’.

Mesmo se não vejo e não toco em nada que existe fora de meu pensamento, ainda ocorre que pense ver e tocar alguma coisa e que, sobre o sentido desse pensamento tornado como tal, juízos certos são possíveis. O *Cogito* não me descobre somente a certeza de minha existência, porém, mais comumente, me abre o acesso a todo um campo de conhecimentos me dando deles um método geral: buscar, pela reflexão, em cada domínio, o puro pensamento que o define[...]<sup>9</sup>

O conhecimento não é da ordem dos acontecimentos, mas uma tomada de posse dos acontecimentos, mesmo interiores, que não se confunde com eles, é uma ‘re-criação’ interior da imagem mental e um reconhecimento, uma

---

<sup>8</sup>JÚNIOR, Nelson Coelho. DO CARMO, Paulo Sérgio. *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência*. São Paulo: Escuta 1991. p.39.

<sup>9</sup>MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1975. p. 228.

reconhecimento. Trata-se de uma inspeção do espírito na qual os acontecimentos vividos são conhecidos em seu sentido.

Se o conhecimento, em lugar de ser a apresentação ao sujeito de um quadro inerte, é a apreensão do sentido desse quadro, a distinção entre o mundo e as aparências subjetivas não é mais a de duas espécies de seres, mas a de duas significações e, nessa perspectiva, ela é irrecusável. É a própria coisa que atinjo na percepção, uma vez que toda coisa na qual se possa pensar é uma significação da coisa, e chama-se justamente percepção ao ato no qual esta significação se revela a mim.<sup>10</sup>

No livro *Meditações*, Descartes afirma que o espírito é o que dá ao ser a sua verdade, pois é ele que possui a faculdade de pensamento. O que garante a certeza da existência é o fato de possuímos uma alma que pensa. O reconhecimento da verdade do ser não está ligado à existência de um corpo, mas antes, ao reconhecimento de algo que pensa. É o entendimento que concebe a extensão do corpo. A sua percepção, ou a ação pela qual ele é percebido, não é uma ilusão e nem uma imaginação, mas uma pesquisa do espírito. O corpo deve ser conhecido através da nossa faculdade de entendimento, e existe não porque conseguimos tocá-lo e senti-lo, mas pelo fato de o concebermos através do pensamento. O corpo é aí pensado como

tudo o que pode ser limitado por alguma figura; que pode ser compreendido em qualquer lugar e preencher um espaço de tal maneira que todo outro corpo seja excluído dele; que pode ser sentido ou pelo tato ou pela visão, ou pela audição ou pelo olfato; que pode ser movido de muitos modos, não por si mesmo, mas por algo de alheio pelo qual seja tocado e do qual receba a impressão.<sup>11</sup>

Quando se trata de refletir sobre o corpo e sua fisiologia, Descartes o define como uma máquina. As comparações feitas entre corpo e máquina, no livro *As Paixões da Alma*, são importantes para entendermos como o funcionamento do corpo era por ele compreendido. Não se trata de uma

---

<sup>10</sup> Idem, p.232.

<sup>11</sup> DESCARTES, René. *Os Pensadores*. SP: Abril Cultural, 1979. p.236.

simples comparação, essa relação é feita não porque o corpo se parece com uma máquina, mas porque é isso o que ele é:

o corpo de um homem vivo difere daquele de um morto como um relógio, ou outro autômato ( ou seja, outra máquina que se mova por si mesma), quando está montado e tem em si o princípio corporal dos movimentos para os quais foi construído, com tudo o que se exige para a sua ação, distingue-se do mesmo relógio ou da outra máquina, quando está quebrado e o princípio de seu movimento pára de atuar.<sup>12</sup>

Depois de fazer essa comparação, Descartes explica como se compõe o nosso corpo. Primeiro, fala de suas partes: coração, cérebro, estômago, músculos, nervos, artérias, veias e coisas semelhantes. Essas partes são ligadas por veias e artérias que são como tubos “por onde o sangue não pára de correr muito rapidamente”. Esses tubos iniciam seu curso “na cavidade direita do coração pela veia arteriosa”, e através de várias outras veias se espalham pelo resto do corpo.

Os movimentos produzidos por essa máquina dependem dos músculos, pois eles se opõem de tal forma que quando um deles se encolhe, atrai a parte do corpo ao qual está ligado, produzindo o alongamento do músculo que lhe é oposto.

(...) sabe-se que todos esses movimentos dos músculos e todos os sentidos dependem dos nervos, que são como pequenos fios ou como pequenos tubos que provêm do cérebro e contém, como ele, certo ar ou vento muito tênue que denominamos espíritos animais.<sup>13</sup>

A alma, dominadora do corpo, localiza-se em um lugar específico, uma parte onde ela exerce suas funções mais diretamente do que em todas as outras. Trata-se de uma glândula alojada no cérebro,

---

<sup>12</sup> idem, p.102.

<sup>13</sup> Idem, p.109.

situada no meio de sua substância, e de tal modo suspensa por cima do conduto por onde os espíritos de suas cavidades anteriores mantêm comunicação com os da posterior, que os menores movimentos que nela existem podem concorrer bastante para modificar o curso desses espíritos.<sup>14</sup>

Através das considerações feitas por Descartes, podemos perceber que o corpo é apenas uma representação, uma máquina que é percebida e dirigida pela alma. O corpo é relegado, compreendido como um objeto dentre os demais. Merleau-Ponty constrói sua filosofia sobre o corpo voltando às reflexões cartesianas, mas delas tenta se afastar, pois segundo ele, essa forma de pensar o corpo é insuficiente para a compreensão do homem. No conceito de filosofia que formula fica clara a insatisfação: a filosofia deve estudar as essências, repondo-as na existência, para compreender o mundo a partir de sua facticidade. A reflexão filosófica sobre o corpo necessita de um retorno ao mundo vivido, não devemos tratá-lo apenas no âmbito da consciência. “O primeiro ato filosófico seria [...] retornar ao mundo vivido.”

Segundo Merleau-Ponty, o dualismo cartesiano erra ao acreditar que o sujeito meditante possa absorver, em sua meditação, a essência do objeto. Erra ao acreditar na possibilidade de um conhecimento objetivo e verdadeiro do corpo através do entendimento. “É preciso que reencontremos a origem do objeto no próprio coração de nossa experiência”, afirma Merleau-Ponty. Contra o corpo-máquina, devemos conceber o corpo-organismo como uma coisa que esboça, ele também, o movimento da existência. O ser não é uma alma alojada em uma máquina, mas ao contrário, “a fusão entre a alma e o corpo no ato, a sublimação da existência biológica em existência pessoal”<sup>15</sup>, tornada possível pela estrutura precária de nossa experiência.

A via de acesso que Merleau-Ponty seguiu, para retornar à existência e ao corpo, foi a via aberta pelas pesquisas das ciências da vida e da psicologia. Estas definem o corpo sem concebê-lo como uma máquina, mas como um organismo vivo possuidor de uma estrutura psicológica.

---

<sup>14</sup> idem, p.116.

<sup>15</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. SP: Martins Fontes, 1999. p. 125.

Assim, à questão que nos colocávamos, a fisiologia moderna dá uma resposta muito clara: o acontecimento psicofísico não pode mais ser concebido à maneira da fisiologia cartesiana e como a contigüidade entre um processo em si e uma *cogitatio*. A união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência.<sup>16</sup>

A biologia está aí para ensinar o que na verdade é o corpo, para mostrar que

assim como os outros homens e como os cadáveres que disseco, tenho uma retina, um cérebro, e que enfim o instrumento do cirurgião infalivelmente poria a nu, nessa região indeterminada de minha cabeça, a réplica exata das ilustrações anatômicas.<sup>17</sup>

Merleau-Ponty se opõe à teoria mecanicista do reflexo, à sujeição do funcionamento do organismo ao sistema físico. Existe uma dialética entre o organismo e o meio que não pode ser reduzida ao sistema físico. As reações perceptivas não podem se explicar por modelos físicos senão nos casos em que são isoladas, artificialmente, do contexto de ação no qual se inserem naturalmente. As reações de um organismo a determinado estímulo não são compreensíveis se pensadas como contrações musculares que se desenrolam num corpo, pois as reações são movimentos que se endereçam a um certo meio, presente ou virtual: o ato de capturar uma presa, de andar em direção a um objeto, de fugir do perigo.

O filósofo se apropria do conceito de dialética para se afastar de uma explicação causal, submetida às leis físicas, pois os esforços do mecanicismo retiram da percepção do organismo toda determinação original. Não existe, entre a alma e o corpo, uma relação causal. “A unidade do homem não foi ainda rompida, o corpo não foi despojado dos predicados humanos, não se tornou ainda uma máquina, a alma não foi ainda definida pela existência por

---

<sup>16</sup> Idem, p.131.

<sup>17</sup> idem, p.139.

si.”<sup>18</sup> Uma ação mecânica é aquela em que a causa e o efeito são decomponíveis em elementos reais que se correspondem um a um. Mas, ciências como a psicologia e a biologia, foram obrigadas a considerar a significação e o valor dos processos vitais, que são atributos do organismo percebido, portador das correlações que a análise aí descobre e não decomponível nelas. Com a noção de dialética, o filósofo procura definir melhor o confronto existente entre o corpo e o meio, afastando-se de uma leitura que compreende o corpo como algo passivo, movendo-se de acordo com as relações de causa e efeito.

É ao mesmo tempo na psicologia e na biologia que a apreensão das estruturas deve ser reconhecida como um gênero de saber irreduzível à compreensão das leis. Neste afastamento de uma definição objetiva do corpo, Merleau-Ponty entra em relação com as pesquisas dessas ciências para formular a noção de corpo fenomenal, e é importante notar que, em algumas passagens de *Estrutura do Comportamento*, o filósofo dá a entender que essas formas de objetivação do corpo são compreensões de sua estrutura originária, o conhecimento mais próximo do que o corpo é sem estar em contato com a ciência. O corpo fenomenal, anterior ao conhecimento, é considerado de uma maneira quase análoga ao corpo vivo, definido pelas ciências da vida: “... a biologia... refere-se ao corpo fenomenal, isto é, a um centro de ações vitais que se estendem sobre um segmento de tempo, respondem a certos conjuntos concretos de estímulos e fazem colaborar todo o organismo.”<sup>19</sup>

A partir das pesquisas desenvolvidas pelas ciências que definem o corpo fazendo notar a sua materialidade, Merleau-Ponty procura entrar em contato com o corpo em sua instância originária, anterior ao conhecimento, anterior à consciência. A natureza física do homem não se subordina a um princípio vital, o psiquismo não é no corpo um princípio motor, o que denominamos natureza é já consciência da natureza, o conceito de vida é consciência da vida, o que a psicologia chama de psiquismo é ainda um objeto diante da consciência. Se nos transferimos para os objetos tais como nos aparecem quando vivemos

---

<sup>18</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1975. p.222.

<sup>19</sup> idem, p.215.

neles sem palavras e sem reflexão, e se buscamos descrever fielmente seus modos de existência, não evocam nenhuma metáfora realista.”<sup>20</sup>

Esse projeto é desenvolvido com o objetivo de reformular o ato de conhecimento. Na compreensão da consciência imediata, o caráter perspectivo do conhecimento não é compreendido como um acidente devido a seu modo de ver, mas como uma imperfeição produzida pela existência do corpo e de seu ponto de vista próprio, e o conhecimento por ‘perfis’ não é a degradação do saber verdadeiro, que apreenderia de um golpe a totalidade dos aspectos possíveis do objeto.

A consciência ingênua não imagina que o corpo ou que as ‘representações’ mentais se instituem como um obstáculo entre ela mesma e a realidade. O percebido é apreendido de uma maneira individual como ‘em si’, isto é, como dotado de um interior que eu não acabaria nunca de explorar, e como ‘para mim’, isto é, como dado em pessoa através de seus aspectos momentâneos.<sup>21</sup>

Na experiência ingênua as coisas são evidentes como seres perspectivos. É essencial, ao mesmo tempo, se oferecerem sem meio interposto e não se revelarem senão pouco a pouco e jamais completamente. O sujeito de conhecimento percebe segundo seu corpo, intermédio obrigatório entre o mundo real e a percepção. Merleau-Ponty explica a origem da representação: “O corpo próprio torna-se uma massa material e correlativamente o sujeito se retira dele para contemplar em si mesmo suas representações...”<sup>22</sup> A percepção resulta da ação de algo sobre o corpo e do corpo sobre a alma. É primeiramente o sensível, o próprio percebido que se instala nas funções de coisas extra-mentais, “e o problema é então compreender como um duplo ou uma imitação do real é suscitada no corpo, depois no pensamento.”<sup>23</sup>

A tese principal de *A Estrutura do Comportamento* é tornar evidente que o comportamento humano deve ser compreendido como possuindo intenção e sentidos e não exclusivamente como sendo fruto de um processo mecanicista

---

<sup>20</sup> idem, p.219.

<sup>21</sup> idem, p.220.

<sup>22</sup> idem, p.224.

<sup>23</sup> idem, p.224.



de causa e efeito, tal como foi proposto pelo behaviorismo. “A investigação da percepção, a noção de campo, a tentativa de superar o dualismo corpo-espírito, são alguns dos temas comuns à psicologia da forma e à filosofia de Merleau-Ponty.” A noção de estrutura, entendida como junção de uma idéia e uma existência, procura superar os dualismos corpo-espírito, sujeito-objeto e homem-mundo. Merleau-Ponty propõe que se entenda o organismo e o comportamento humano a partir de três níveis: o físico, o biológico (vital) e o mental. “Pareceu-nos que matéria, vida, espírito, não podiam ser concebidos como três ordens de realidades ou três espécies de seres, mas como três planos de significação ou três formas de unidade.”<sup>24</sup> As relações entre o ser vivo e o meio não são relações exteriores e cegas entre realidades justapostas, mas relações dialéticas em que o efeito de cada ação é determinado por sua significação em relação ao conjunto, a consciência não aparece como uma terceira ordem superposta, mas condição de possibilidade de seu fundamento. Não há lugar aí para uma operação causal.

Na filosofia merleau-pontyana, o corpo ganha uma originalidade inacessível ao conhecimento, anterior às palavras. “A verdade é que o homem vê em primeiro lugar sua imagem através do espelho sem que a palavra tenha ainda a significação que tomará diante da inteligência geométrica.”<sup>25</sup> À medida que se precisa o conhecimento do organismo, torna-se impossível dar um sentido coerente à pretensa ação do mundo sobre o corpo e do corpo sobre a alma. Encontramo-nos na presença de um campo de percepção vivida anterior à medida e à causalidade, que se dá como uma visão perspectiva sobre os objetos.

Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, analisa a relação da filosofia de Merleau-Ponty com o caminho seguido pela reflexão filosófica na modernidade. O lugar da análise não é mais o espaço da representação, como acontecia na episteme clássica, mas o homem em sua finitude, que agora traz à luz as condições do conhecimento a partir de conteúdos empíricos que nele são dados. O pensamento moderno está no ponto onde se constituiu um duplo empírico-transcendental a que se chamou homem. “Viu-se então aparecer duas espécies de análises: as que se alojaram no espaço do corpo (...) aí se

---

<sup>24</sup> idem, p.234.

<sup>25</sup> idem, p.250.

descobriria que o conhecimento tinha condições anatomofisiológicas, que ele se formara na nervura do corpo...”<sup>26</sup>, funcionando como uma espécie de estética transcendental.

Houve também as análises que (...) funcionaram como uma espécie de dialética transcendental; mostrava-se assim que o conhecimento tinha condições históricas, que ele se formava no interior das relações tecidas entre os homens[...]<sup>27</sup>

Essas duas formas de reflexão, que remetem a Kant e a Comte e Marx, concebem a finitude do homem — definida historicamente pelas ciências que se tornaram possíveis com o surgimento da episteme moderna, a biologia, a economia e a filologia — como uma verdade da ordem do objeto. Como afirma Foucault, “o homem aí aparece como uma verdade ao mesmo tempo reduzida e prometida. A ingenuidade pré-crítica nele reina sem restrições.”<sup>28</sup> Daí o surgimento de um discurso que analisa o homem como sujeito, como lugar de conhecimentos empíricos, mas reconduzidos o mais próximo possível do que os torna possíveis, e como forma pura imediatamente presente nesses conteúdos.

É em continuidade com essa forma de pensamento que Foucault compreende a análise do vivido desenvolvida pela fenomenologia de Merleau-Ponty. Segundo José Ternes, em *Michel Foucault e a Idade do Homem*,

apesar da admiração que Foucault sempre devotara a seu professor, apesar de lhe reconhecer um valor crítico inestimável em face do positivismo e à escatologia, não pode deixar de assinalar o caráter ambíguo do projeto de uma analítica do vivido...<sup>29</sup>

Foucault define essa forma de análise como o espaço onde todos os conteúdos empíricos são dados à experiência, como a forma originária que

---

<sup>26</sup>FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. SP: Martins Fontes, 1999. p.440.

<sup>27</sup> idem, p.440.

<sup>28</sup> idem, p.442.

<sup>29</sup> TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Ed. UCG: Ed. da UFG, 1998. p.158.

torna possível o enraizamento do conhecimento no vivido. A análise do vivido estabelece uma comunicação entre o espaço do corpo e o tempo da cultura, entre as determinações da natureza e o peso da história,

sob a condição, porém, de que o corpo e (...) a natureza sejam primeiramente dados na experiência de uma espacialidade irreduzível, e de que a cultura, portadora de história, seja primeiramente experimentada no imediato das significações sedimentadas.<sup>30</sup>

A análise do vivido se apropria da biologia e a relaciona “com a experiência originária que se esboça através do corpo...”, articulando a história da cultura com o que se esconde e se mostra na experiência vivida. “Portanto, não faz mais que preencher, com mais cuidado, as exigências apressadas que foram postas quando se pretendeu fazer valer, no homem, o empírico pelo transcendental.”<sup>31</sup>

Na tentativa de oposição ao mecanicismo cartesiano, Merleau-Ponty se apropria das ciências que definem a finitude do homem, que definem o corpo através da relação entre a vida e a morte. Foucault, em *O Nascimento da Clínica*, primeiro livro no qual se dedica a uma discussão sobre o corpo, está em descontinuidade com as pesquisas de Merleau-Ponty. Segundo Foucault, Merleau-Ponty “podia introduzir, no campo de análise, o corpo, a sexualidade, a morte, o mundo percebido; o *Cogito* aí permaneceria central”.<sup>32</sup> Merleau-Ponty pensa o corpo a partir da verdade que um discurso produz sobre ele, define o corpo-organismo como o lugar em que se pode definir a essência da existência. Sobre a *Fenomenologia da Percepção*, Foucault diz: “aqui, o corpo organismo estava ligado ao mundo por uma rede de significações originárias que a própria percepção das coisas fazia emergir.”<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. SP: Martins Fontes, 1999. p.443.

<sup>31</sup> idem, p.443.

<sup>32</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. RJ: Forense Universitária, 2005. p.366.

<sup>33</sup> idem, p.264.

## 2.2. Canguilhem: o corpo e o meio

É na obra de Canguilhem que encontramos uma confluência com as discussões levantadas por Foucault. Este, opondo-se a uma tendência da epistemologia francesa, que se prendia às ciências com alto rigor de formalização, centrou o essencial de sua reflexão na história da medicina e da biologia, “sabendo claramente que a importância teórica dos problemas levantados pelo desenvolvimento de uma ciência não é diretamente proporcional ao grau de formalização por ela atingida.”<sup>34</sup> Recolocando as ciências da vida em uma perspectiva histórico-epistemológica, Canguilhem faz aparecer alguns traços essenciais, que singularizaram seu desenvolvimento em relação ao das outras ciências, colocando problemas específicos para seus historiadores.

Em *O Normal e o Patológico*, Canguilhem toma a medicina para empreender uma reflexão filosófica. “A filosofia é uma reflexão para a qual qualquer matéria estranha serve, ou diríamos mesmo para a qual só serve a matéria que lhe for estranha.”<sup>35</sup> Ele esperava que a cultura médica lhe permitisse o esclarecimento de dois problemas que o interessavam: “o das relações entre ciência e técnicas, e o das normas e do normal.” Canguilhem inicia seu estudo fazendo um exame crítico da tese, geralmente adotada no século XIX, relativa às relações entre o normal e o patológico, afirmando que os fenômenos patológicos são idênticos aos fenômenos normais correspondentes, salvo as variações quantitativas. Essa noção de patológico surgiu como uma exigência científica em oposição à teoria ontológica da doença, que desde os gregos era definida como algo que possui um ser próprio, só podendo ser compreendido como uma manifestação qualitativa que provoca desequilíbrio e desarmonia no corpo considerado como um todo. Mas com essa teoria que emerge no século XIX,

---

<sup>34</sup> idem, p.358.

<sup>35</sup> CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.15.

a convicção de poder restaurar cientificamente o normal é tal, que acaba por anular o patológico[...] A identidade real dos fenômenos vitais normais e patológicos, aparentemente tão diferentes e aos quais a natureza humana atribui valores opostos, tornou-se, durante o século XIX, uma espécie de dogma, cientificamente garantido, cuja extensão no campo da filosofia e da psicologia parecia determinada pela autoridade que os biólogos e os médicos lhe reconheciam.<sup>36</sup>

Canguilhem problematiza essa tese recorrendo às obras de Auguste Comte e Claude Bernard. No pensamento de Comte, o interesse se dirige do estado patológico para o normal, com o objetivo de definir as leis do normal. Em Claude Bernard o interesse dirige-se do normal para o patológico, “pois é como fundamento de uma terapêutica em franca ruptura com o empirismo que o conhecimento da doença é procurado por meio da filosofia e a partir dela.”<sup>37</sup>

Comte se apropria do pensamento de Broussais para afirmar que todas as doenças, que afetam um organismo, consistem basicamente no excesso ou na falta de excitação dos diversos tecidos abaixo ou acima do grau que constitui o estado normal. As doenças são percebidas como efeitos de simples mudanças de intensidade na ação dos estimulantes indispensáveis à conservação da saúde. Comte mostra como Broussais formula tal concepção de identidade do estado normal e do patológico em oposição à concepção que afirmava haver diferença entre esses dois estados.

O estado patológico era, até então, relacionado com leis completamente diferentes das que regem o estado normal: de modo que a exploração de um deles não podia decidir nada para o outro. Broussais mostra que os fenômenos da doença coincidem essencialmente com os fenômenos da saúde, do qual só diferem pela intensidade. Esse luminoso princípio tornou-se a base sintática da patologia, subordinada, assim, ao conjunto da biologia.<sup>38</sup>

Canguilhem chama atenção para o caráter essencialmente abstrato dessa tese. Quando Comte a explica, nota-se a ausência de qualquer exemplo para ilustrá-la, dificultando a compreensão do ponto de vista de que parte

---

<sup>36</sup> idem, p.23.

<sup>37</sup> idem, p.23.

<sup>38</sup> idem, p.29.

Comte para afirmar que o fenômeno patológico tem sempre o seu análogo num fenômeno fisiológico, não constituindo nada de realmente novo.

Em que uma artéria esclerosada é análoga a uma artéria normal, em que um coração assistólico é idêntico a um coração de atleta de posse de todas as suas capacidades? Sem dúvida deve-se compreender que na doença como na saúde, as leis dos fenômenos vitais são as mesmas. Mas, então, porque não dizê-lo expressamente e porque não apresentar exemplos disto?<sup>39</sup>

Apesar de considerar como idênticos o estado normal e o patológico, Comte sente a obrigação de determinar previamente o mal e seus verdadeiros limites de variação, antes de explorar metodicamente os casos patológicos. O normal é definido como o organismo que possui limites, e esses fazem aparecer uma harmonia das influências internas e externas. Segundo Canguilhem, definido através dessa noção de harmonia, “o conceito de normal ou de fisiológico é reduzido a um conceito qualitativo e polivalente, estético e moral, mais ainda que científico.”<sup>40</sup>

Ao definir o estado patológico como simples variação quantitativa do estado normal, Comte utiliza conceitos quantitativos apenas vaga e imprecisamente, conservando ainda uma ressonância qualitativa. Dessa forma, ele não consegue se opor integralmente aos vitalistas, que admitiam uma diferença qualitativa entre um organismo normal e um patológico.

Na obra de Claude Bernard a identidade e a continuidade dos fenômenos fisiológicos correspondentes são uma repetição monótona, mais do que um tema. Canguilhem analisa as *Leçons sur le diabete et la glycogênese animale*, considerado como o livro que se consagrou à ilustração de sua teoria. Para Claude Bernard, a prática terapêutica deve ser iluminada por uma patologia científica e essa deve basear-se na ciência fisiológica. O diabetes é uma doença que levanta problemas cuja solução proporciona a demonstração de tal tese.

---

<sup>39</sup> idem, p.32.

<sup>40</sup> idem, p.33.

O bom senso indica que, conhecendo-se completamente um fenômeno fisiológico, estamos em condições de avaliar todas as variações que ele pode sofrer no estado patológico: 'fisiologia e patologia se confundem e são, no fundo, uma só e mesma coisa.'<sup>41</sup>

O diabetes consiste unicamente no distúrbio de uma função normal. Qualquer doença possui uma função normal correspondente da qual ela é apenas uma perturbação: um excesso ou uma falta. "Claude Bernard se opõe a muitos fisiologistas de sua época, segundo os quais a doença seria uma entidade extrafisiológica, que viria reacrescentar-se ao organismo."<sup>42</sup> O diabetes é caracterizado por sintomas como a poliúria, polidipsia, polifagia, autofagia e glicosúria. Sintomas que são perturbações do estado normal de um organismo, sem constituir um fenômeno novo. O problema dos sintomas do diabetes mostra a impossibilidade de perceber a passagem do estado normal para o estado patológico, pois tal passagem constitui apenas uma variação quantitativa, e nenhuma questão poderia mostrar melhor a íntima ligação da fisiologia com a patologia. Claude Bernard empreende uma luta contra as teorias médicas que fazem da saúde e da doença princípios distintos, entidades que disputam uma à outra o organismo vivo e que dele fazem o teatro de suas lutas. Na realidade, entre essas duas maneiras de ser há apenas diferenças de grau: o exagero, a desproporção, a desarmonia quantitativa dos fenômenos normais constituem o estado patológico. A doença não faz surgir condições novas, precisamos reconhecer a continuidade dos fenômenos. "A idéia da continuidade entre o normal e o patológico está, ela própria, em continuidade com a idéia de continuidade entre a vida e a morte, entre a matéria orgânica e a matéria inerte."<sup>43</sup> Claude Bernard nega a oposição entre o normal e o orgânico, entre o vegetal e o animal e afirma a identidade material de todos os fenômenos físico-químicos, independente de onde se manifestam.

As concepções de doença esboçadas por Comte e C. Bernard possuem muito mais elementos em comum do que discordâncias. Na exposição de Canguilhem chega a ser difícil uma diferenciação. Mas existe um ponto

---

<sup>41</sup> idem, p.45.

<sup>42</sup> idem, p.45.

<sup>43</sup> idem, p.50.

fundamental que faz a obra dos dois se discordar: Comte formula a sua concepção de forma teórica e abstrata, sem apresentar provas experimentais; Claude Bernard tenta chegar a um conceito quantitativo de doença através de experimentações e observações. Ao contrário de Comte, Claude Bernard sustenta seu princípio geral de patologia através de argumentos controláveis, protocolos de experiências, e, sobretudo, métodos de quantificação dos conceitos fisiológicos. Canguilhem chama a atenção para o fato de que, também em Claude Bernard, existe uma convergência de conceitos quantitativos e qualitativos na definição dada aos fenômenos patológicos. Ora o estado patológico é o distúrbio de um mecanismo normal, uma variação quantitativa, uma exageração ou atenuação dos fenômenos normais; ora o estado doente é constituído pelo exagero, a desproporção, a desarmonia dos fenômenos normais. Com esse fracasso na definição objetiva da doença, Canguilhem coloca a seguinte questão:

o conceito de doença será o conceito de uma realidade objetiva acessível ao conhecimento científico quantitativo? A diferença de valor que o ser vivo estabelece entre sua vida normal e sua vida patológica seria uma aparência ilusória que o cientista deveria negar?<sup>44</sup>

O conceito de doença, em Claude Bernard, só é definido quantitativamente quando considerado através de mecanismos. “Se considerarmos a glicosúria como o fenômeno principal do diabetes, a presença de açúcar na urina diabética a torna qualitativamente diferente de uma urina normal.”<sup>45</sup> O estado patológico, seu principal sintoma, é uma qualidade nova, em relação ao estado fisiológico. A variação quantitativa que constitui o diabetes é vivida como uma variação qualitativa por um organismo considerado como um todo, pois significa a passagem do estado normal para o estado patológico. A glicose que ultrapassa o limiar e o transborda é qualitativamente a mesma que a glicose retida normalmente pelo limiar. Com efeito, a única diferença é uma diferença de quantidade. Se considerarmos, portanto, o mecanismo renal da secreção urinária através dos seus resultados - efeitos fisiológicos ou sintomas mórbidos - a doença consiste no aparecimento de uma

---

<sup>44</sup> idem, p.50.

<sup>45</sup> idem, p.54.



nova qualidade; se considerarmos o mecanismo em si mesmo, a doença é somente variação quantitativa. Sobre esse ponto, Canguilhem se pergunta: será que se pode escolher o ponto de vista? Não será evidente que, se quisermos elaborar uma patologia científica, devemos considerar as causas reais e não os efeitos aparentes, os mecanismos funcionais e não suas expressões sintomáticas?

Poderíamos adotar uma tal visão se fosse possível considerar as funções fisiológicas como mecanismos, os limiares como barragens, as regulações como válvulas de segurança, servofreios ou termostatos. Mas aí estaríamos caindo na armadilha mecanicista. Tal posição é impossível de se sustentar. A doença não deve ser dividida numa multiplicidade de mecanismos funcionais alterados, mas considerada como um acontecimento que diz respeito ao organismo vivo encarado na sua totalidade. A tese que define o estado patológico como uma variação quantitativa do estado normal é impossível de ser sustentada quando se considera essas variações em um organismo como um todo. Os mecanismos funcionais só podem ser considerados separadamente em experiências e em abstrações. “No entanto, no organismo vivo todas as funções são interdependentes e seus ritmos harmonizados.”<sup>46</sup>

A análise fisiológica só sabe que está diante de estados patológicos devido a uma informação clínica prévia; pois a clínica coloca o médico em contato com indivíduos completos e concretos e não com seus órgãos ou suas funções. A patologia, quer seja anatômica ou fisiológica, analisa para melhor conhecer, mas ela só pode saber o que é uma patologia - isto é, estudo dos mecanismos da doença - porque recebe da clínica essa noção de doença cuja origem deve ser buscada na experiência que os homens têm de suas relações de conjunto com o meio.

Analisadas as teorias de Comte e Claude Bernard, Canguilhem apresenta a concepção de doença expressa nas pesquisas de Leriche, produzidas no início do século XX. Ao contrário de Comte e Claude Bernard, Leriche concebe a doença como uma nova ordem fisiológica, ao que a terapêutica deve ter como objeto adaptar o homem doente a essa nova ordem.

---

<sup>46</sup> idem, p.54.

O médico deve reconhecer na doença e na dor um fenômeno de reação total que só tem sentido ao nível da individualidade humana concreta. Para Leriche, a fisiologia não deve estabelecer uma nova ordem de saúde para o corpo-organismo, que se tornaria doente pela desregulação de um mecanismo funcional e através da ação do terapeuta voltaria a esse estado fisiológico normal. A fisiologia deve ser a coletânea das soluções dos problemas levantados pela doença dos doentes. “Há em nós, a cada instante, muito mais possibilidades fisiológicas do que a fisiologia nos faz crer. Mas é preciso as doenças para que elas nos sejam reveladas.”<sup>47</sup> A doença passa a constituir uma experiência fundamental na relação do indivíduo com o seu próprio corpo, fazendo-o perceber as várias possibilidades de vida existentes, as várias metamorfoses que devem com ele acontecer para que possa viver. “As doenças são novos modos de vida. Se não fossem as doenças, que renovam incessantemente o terreno a ser explorado, a fisiologia marcaria passo num terreno já repisado.”<sup>48</sup>

A teoria quantitativa da doença trata-se de uma oposição à teoria pré-científica e ontológica da doença. Para esta, “a saúde e a doença disputavam o homem, assim, como o bem e o mal disputavam o mundo.” A recusa da concepção ontológica da doença talvez seja a recusa mais profunda de admitir a identidade da doença com o mal. Não devemos adotar uma terapêutica mágica ou mística; neste sentido, afirma Canguilhem, o valor da filosofia das Luzes e do positivismo, mesmo com tendência ao cientificismo, não se discute. É muito importante não confundir a doença com o pecado nem com o demônio. “Mas só porque o mal não é um ser não se deve concluir que seja um conceito desprovido de sentido, ou que não existam valores negativos, mesmo entre os valores vitais; não se pode concluir que, no fundo, o estado patológico não seja nada mais que o estado normal.”<sup>49</sup>

\* \* \*

---

<sup>47</sup> idem, p.75.

<sup>48</sup> idem, p.95.

<sup>49</sup> idem, p.78.

A tarefa essencial do médico é curar e diagnosticar doenças. Segundo a teoria médica do século XIX, curar é fazer voltar à norma uma função ou um organismo que dela se afastaram. O conceito de norma é definido pela fisiologia, que se apresenta como uma ontologia canônica de constantes funcionais de regulação hormonal e nervosa. Essas constantes são assim classificadas porque designam características médicas em casos observáveis. Mas as normas também se apresentam como ideal na atividade médica, que é normativa. “As constantes fisiológicas são, portanto, normais no sentido estatístico, que é um sentido descritivo, e no sentido terapêutico, que é um sentido normativo.”<sup>50</sup> Canguilhem se interessa em saber se é a medicina que converte os conceitos descritivos e puramente teóricos em ideais biológicos, ou então se, recebendo da fisiologia a noção de fatos e de coeficientes funcionais constantes, a medicina não receberia também, a noção de norma no sentido normativo da palavra.

Canguilhem trata de alguns conceitos de normal presente em dicionários e vê que daí emanam dois sentidos: é normal aquilo que é como deve ser; e é normal, no sentido mais usual, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie determinada ou o que constitui a média ou o módulo de uma característica mensurável. Segundo ele, esse termo é equívoco, designando ao mesmo tempo um fato e um valor atribuído a esse fato por aquele que fala, em virtude de um julgamento de apreciação que ele adota. Em medicina acontece uma confusão análoga: “[...] o estado normal designa ao mesmo tempo o estado habitual dos órgãos e seu estado ideal, já que o restabelecimento desse estado habitual é o objeto usual da terapêutica.”<sup>51</sup> Mas o normal deve ser considerado como um fim a ser atingido pela terapêutica, ou, pelo contrário, será que a terapêutica o visa justamente porque é considerado como normal pelo doente? Canguilhem acredita que a segunda relação é a verdadeira, pois a medicina existe como arte da vida porque o vivente humano considera como patológicos — e devendo ser evitados ou corrigidos — certos estados ou comportamentos que, em relação à polaridade dinâmica da vida, são apreendidos sob forma de valores negativos. O fato de um ser vivo reagir a uma doença traduz um fato fundamental: “é que a vida não é indiferente às

---

<sup>50</sup> idem, p.94.

<sup>51</sup> idem, p.96.

condições nas quais ela é possível, que a vida é polaridade e por isso mesmo, posição inconsciente de valor [...]"<sup>52</sup>

Canguilhem chama atenção para o fato de a vida ser uma atividade normativa. A vida é o que institui normas, e é nesse sentido que existe uma normatividade biológica. Longe de se fixar em uma norma ideal de saúde, “o homem normal é o homem normativo, o ser capaz de instituir novas normas, mesmo orgânicas.”<sup>53</sup> Com o conceito de normatividade biológica, Canguilhem concebe o corpo em constante movimento, sem se sujeitar à nenhuma fixidez normativa imposta por uma ciência. Assim, Canguilhem opõe-se à definição de uma norma estatística de saúde, que funcionaria como ideal a ser instaurado nos organismos pela atividade médica. A atividade médica deve ser compreendida como uma técnica humana que se inscreve nas técnicas vitais. “Toda técnica humana, inclusive a da vida, está inscrita na vida, isto é, numa atividade de informação e assimilação da matéria.”<sup>54</sup> A atividade médica é compreendida por Canguilhem em extensão e continuidade com a normatividade vital do organismo, pois esse é o primeiro dos médicos. Nas relações com o meio, as flutuações às quais são submetidos os organismos quase sempre representam perigo para a existência. “O ser vivo não poderia subsistir se não possuísse certas propriedades essenciais. Qualquer ferida seria mortal se os tecidos não fossem capazes de cicatrização e o sangue de coagulação.”<sup>55</sup> O conceito de normal biológico é definido pela vida em si mesma, e não pela apreciação médica; é um valor definido pelo ser vivo, e não um conceito de realidade estatística definido por um cientista.

Na definição do conceito de anomalia, que não deve ser entendido necessariamente como patológico, haja vista que os organismos possuem a capacidade de variar sem prejudicar o funcionamento dos órgãos, Canguilhem trata do poder de variabilidade dos organismos, da significação e do alcance dessa variabilidade. “Na medida em que os organismos se afastam do tipo específico serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica, ou serão viventes a caminho de novas formas?”<sup>56</sup> A anormalidade e

---

<sup>52</sup> idem, p.96.

<sup>53</sup> idem, p.109.

<sup>54</sup> idem, p.100.

<sup>55</sup> idem, p.100.

<sup>56</sup> idem, p.110.

a mutação devem ser compreendidas na relação do ser vivo com o meio. Ambos, considerados separadamente, não são normais, porém, é sua relação que os torna normais um para o outro. O meio é normal para uma forma viva se lhe permite uma tal fecundidade e uma tal variedade de formas que, caso ocorram variações no meio, a vida possa encontrar numa dessas formas uma possibilidade de adaptação. “O ser vivo é normal num determinado meio na medida em que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder a todas as exigências do meio.” Uma anomalia ou uma mutação não é patológica pelo simples fato de ser anomalia, isto é, “desvio a partir de um tipo específico, definido por um grupo de caracteres mais freqüentes de uma dimensão média.” Uma anomalia não é um fenômeno patológico se ela encontrar condições de existência nas quais parecerá normativa, isto é, superando todas as formas passadas, ultrapassadas e, em breve, extintas. “Não existe fato que seja normal ou patológico em si. A anomalia e a mutação não são, em si mesmas, patológicas. Elas exprimem outras normas de vida possíveis.”<sup>57</sup> Se essas novas normas forem inferiores às normas específicas anteriores, serão chamadas patológicas. Se se revelarem equivalentes no mesmo meio, ou superiores em outros, serão chamados normais.

Assim, Canguilhem se opõe à utilização do conceito de média, que pareceria ao fisiologista um equivalente objetivo e cientificamente válido do conceito de normal ou de norma. Uma freqüência estatística no que diz respeito ao funcionamento de um organismo não pode ser tomada como uma norma de funcionamento ideal. A determinação de constantes fisiológicas “pela elaboração de médias experimentais obtidas no âmbito de um laboratório corre o risco de apresentar o homem normal como um homem medíocre”<sup>58</sup>, pois desconsidera a capacidade inventiva própria ao ser vivo e o concebe bem abaixo das suas possibilidades fisiológicas. “Admitimos uma plasticidade funcional do homem, ligada, nesse homem à sua normatividade vital...”<sup>59</sup> Devemos considerar os conceitos de norma e média como dois conceitos

---

<sup>57</sup> idem, p.113.

<sup>58</sup> idem, p.129.

<sup>59</sup> idem, p.138.

diferentes que nos parecem inúteis tentar reduzi-los à unidade por meio da anulação da originalidade do primeiro.

Parece-nos que a fisiologia tem mais a fazer do que procurar definir objetivamente o normal: deve reconhecer a normatividade original da vida. O verdadeiro papel da fisiologia [...] consistiria em determinar exatamente o conteúdo das normas dentro das quais a vida conseguiu se estabilizar, sem prejudicar a possibilidade de uma eventual correção dessas normas.<sup>60</sup>

\* \* \*

Ao discutir o conceito de norma quisemos mostrar a inexistência de um conceito fixo de corpo na obra de Canguilhem, pois o corpo que aparece em sua obra é o que possui vida, que inventa para si diversas normas (formas) de vida. Em Canguilhem, o organismo não aparece como uma estrutura originária, mas como corpo impossível de se definir devido às suas infinitas metamorfoses. E isso fica ainda mais claro se considerarmos a sua teoria sobre a técnica.

Desde *O Normal e o Patológico* Canguilhem tratou a questão da técnica. Na relação do organismo com o meio, nas flutuações impostas por este, o ser vivo se caracteriza também por uma flutuação, por uma atividade normatizante que inventa várias formas de vida para responder às exigências do meio. Mas de todos os viventes, o homem é o único que, através da técnica, consegue variar, no próprio local, o ambiente de sua atividade. A técnica já está, neste livro, submetida à afirmação da vida, mostrando-se como continuidade e prolongamento do corpo. Mas é em *O Conhecimento da Vida*, publicado em 1952, que o filósofo desdobrará e apresentará suas principais idéias sobre este tema. Sem cair no jogo de oposições entre o vitalismo e o mecanicismo, Canguilhem opera uma inversão da relação máquina-organismo; trata-se de um deslocamento do pensamento que define o organismo como uma máquina, agindo como força de mecanização da vida, de sua submissão à técnica. A máquina, longe de definir o organismo, é o seu desdobramento, sua extensão

---

<sup>60</sup> idem, p.143.

tornada possível pela manifestação da potência inerente à vida: a capacidade de variação que implica na impossibilidade de uma definição objetiva e quantitativa do corpo; na sua (in) definição como criação incessante de novas formas de vida.

Considerando o vitalismo como uma exigência, a vida e o organismo como pano de fundo, Canguilhem avalia as relações entre máquina e organismo. Segundo ele, após ter sido por muito tempo admitido como um dogma pelos biólogos, a teoria mecanicista é hoje concebida como estreita e insuficiente. Na assimilação do corpo vivo à máquina, o organismo é concebido e explicado a partir da estrutura e do funcionamento da máquina já construída; raramente procurou-se compreender a construção mesma da máquina a partir da estrutura e do funcionamento do organismo. “Os filósofos e os biólogos mecanicistas se prenderam à máquina como um dado...”<sup>61</sup> Uma máquina é a aplicação de um saber, e o saber é fruto da consciência humana.

A máquina pode ser compreendida como uma construção artificial, obra de um homem, na qual uma função essencial depende de mecanismos. Um mecanismo é uma configuração de peças em movimento de tal forma que o movimento não abole a configuração. Os movimentos produzidos pela máquina são deslocamentos geométricos mensuráveis. “O mecanismo regula e transforma um movimento de impulsão que lhe é comunicado.” Se a máquina é uma construção artificial, produzida pelo homem, “como explicar que se tenha procurado nas máquinas e nos mecanismos, definidos desta forma, um modelo para o conhecimento da estrutura e das funções do organismo?”<sup>62</sup> Segundo Canguilhem, tal assimilação tem raízes na Grécia e remonta ao pensamento de Aristóteles.

Aristóteles assimila efetivamente os órgãos do movimento animal a partes de uma máquina de guerra, por exemplo o braço a uma catapulta que vai lançar um projétil, e o desenrolar deste movimento às máquinas capazes de restituir, após a liberação por um acionamento,

---

<sup>61</sup> CANGUILHEM, Georges. *Le Connaissance de la Vie*. Paris: Librairie Philosophique, 1992. p.102.

<sup>62</sup> *idem*, p.103.

uma energia armazenada, máquinas automáticas que tem a catapulta como o modelo da época.<sup>63</sup>

Para Aristóteles, o princípio de todo movimento é a alma. Todo movimento requer um primeiro motor. O movimento supõe o imóvel, o que move o corpo é o desejo e o que explica o desejo é a alma.

Em Descartes,

A assimilação do organismo a uma máquina pressupõe a construção pelo homem de dispositivos onde o mecanismo automático é ligado a uma fonte de energia em que os efeitos motores se desenrolam no tempo, após a cessação do esforço humano ou animal que os restituem. É a diferença entre o momento da restituição e do armazenamento de energia restituído pelo mecanismo e a ação de uma vida.<sup>64</sup>

Quando Descartes procura exemplos para a explicação do organismo nas máquinas, “ele invoca os autômatos hidráulicos”, tornando-se tributário das formas de técnicas da sua época, “da existência de relógios, de moinhos movidos à água, de fontes artificiais, etc.” Dentre as várias definições de corpo encontradas na obra de Descartes, Canguilhem nos mostra uma que nos permite opor Descartes aos seus contemporâneos: “Eu suponho que o corpo não é outra coisa além de uma estátua ou máquina.”<sup>65</sup> Descartes percebeu melhor que seus contemporâneos que o mecanismo pode tudo explicar se a máquina for considerada como um dado, mas o mecanismo não pode dar conta da construção das máquinas. A máquina humana pressupõe um Deus criador, assim como a máquina artificial pressupõe um homem criador.

A teoria cartesiana do animal-máquina ganha sentido graças a dois postulados que geralmente foram negligenciados. “O primeiro, é que existe um Deus fabricante, e o segundo é que a vida seja dada como tal, previamente à construção da máquina.”<sup>66</sup> A construção do organismo vivente implica na obrigação de imitar um dado orgânico prévio; a construção de um modelo

---

<sup>63</sup> idem, p.105.

<sup>64</sup> Idem, p.106.

<sup>65</sup> Idem, p.112.

<sup>66</sup> Idem, p.112.



mecânico supõe uma origem vital, um homem criador. É no próprio Descartes que Canguilhem encontra uma brecha para subordinar a máquina ao organismo. Em Canguilhem não é o mesmo problema que se coloca, o filósofo não está preocupado em encontrar uma definição correta de corpo, mas em perceber como este constitui uma relação com a técnica e a máquina.

Não se pode opor mecanismo e finalidade, nem mecanismo e antropomorfismo, pois o funcionamento de uma máquina não se compreende nem sem finalidade, nem sem o homem. “Uma máquina é feita pelo homem e para o homem, com a intenção de obter algum fim.” Se a principal definição de uma máquina é a sua finalidade, parece que essa definição convém melhor à máquina do que ao organismo. “No limite, devemos reconhecer que, no organismo, a pluralidade das funções pode se acomodar na unicidade de um órgão.” Um organismo não possui uma única finalidade fixa como a máquina, mas várias potencialidades. A máquina é produto de um cálculo, sujeito às normas do cálculo, normas racionais de identidade, de constância e de previsão, enquanto o organismo vivo age segundo o empirismo. “A vida é experiência, improvisação, utilização das ocorrências, é tentativa em todos os sentidos.”<sup>67</sup>

François Dagognet, no seu livro dedicado à obra de Canguilhem, afirma que o filósofo não negligenciou as relações entre máquina e organismo, entre técnica e biologia. Canguilhem formulou uma solução aos problemas levantados por essas ligações: ele não cessa de subordinar a técnica e a máquina ao organismo vivo. E isso se dá porque as análises das ciências da vida lhe revelaram o primado da vida, “a potência irreduzível da vitalidade, em seu fundo mesmo...” A técnica realiza uma espécie de transbordamento da vida, uma autonomização da máquina e da técnica, definindo-a como uma pura construção (sem remetê-la à sua origem para compreendê-la). Em suma, os filósofos que se dedicaram a pensar as relações da técnica com a máquina confundiram o efeito com a causa.

Assim, ao invés de ver na máquina uma astúcia da vida criadora, os teóricos, presos ao objetivismo [...] foram levados a assimilar a vida a

---

<sup>67</sup> Idem, p.118.

um simples encadeamento de peças, uma montagem suscetível de se transformar em energia.<sup>68</sup>

Canguilhem se esforçou em reparar esse erro; e ele formula uma nova <<théorie de la machinerie>>. A máquina é recolocada sobre um fundo organicista. Canguilhem se utiliza da embriologia para negar a assimilação do vivente à máquina: o corpo vivo não pode ser considerado uma máquina porque esta não é capaz de se reproduzir; a máquina tem a sua origem em uma artimanha do vivente, portanto, na vida. Os mecanicistas parecem ignorar que toda construção técnica articulada implica em um homem engenhoso.

A teoria da máquina de Canguilhem se apóia em três argumentos: 1- é preciso caracterizá-la por sua finalidade, pois todos os seus elementos foram agenciados pela inteligência humana para a obtenção de um resultado; 2- a técnica deve ser considerada como prolongamento dos órgãos: “Georges Canguilhem não hesitou em sustentar uma definição da ferramenta, do instrumento ou da técnica como desdobramento da vida, realização de sua exuberância.”<sup>69</sup> A vida, por meio de suas construções, longe de ceder ao meio, o recria ou o transforma; 3- a técnica corresponde a uma operação intelectual do homem, nascida na sua imaginação para construir ou renovar o orgânico; as máquinas e as ferramentas técnicas efetuam uma sobrevalorização da vida e não uma tecnificação do vivente. Impõe-se uma continuidade entre o corpo e a máquina, a vida e a técnica. Com as considerações de Canguilhem sobre esse assunto “somos conduzidos a uma fusão entre o organismo e o engenho[...].”<sup>70</sup>

### **2.3. A importância do conceito de vida**

Segundo Foucault, o conceito de vida presente na obra de Canguilhem, formulado através de pesquisas sobre as ciências da vida, foi de extrema importância para a sua formação intelectual. De acordo com Canguilhem, nas ciências da vida existe uma impossibilidade em reduzir o conhecimento aos domínios físico-químicos; porque só se encontra o princípio de seu

---

<sup>68</sup>DAGOGNET, François. *Georges Canguilhem: Philosophe de la vie*. Paris: Institut Synthélabo, 1997. p.61.

<sup>69</sup> Idem, p.67.

<sup>70</sup> Idem, p.69.

desenvolvimento na interrogação sobre os fenômenos patológicos. “Foi impossível constituir uma ciência do vivente sem que fosse levado em conta, como essencial ao seu objeto, a possibilidade da doença, da morte, da monstruosidade, da anomalia e do erro.”<sup>71</sup> Se as ciências da vida se constituíram através do esclarecimento dos mecanismos físicos e químicos, pela utilização de modelos matemáticos, em contrapartida, esse desenvolvimento só se tornou possível à medida que era relançado o problema da especificidade da doença e do limiar que ela determina para todos os seres naturais. O vitalismo teve, e ainda continua tendo, um papel essencial como indicador.

E isso de duas maneiras: indicador teórico dos problemas a resolver (ou seja, de forma geral o que constitui a originalidade da vida, sem que ela constitua de maneira alguma um império independente na natureza) indicador crítico das reduções a evitar (ou seja, todas aquelas que tendem a fazer desconhecer que as ciências da vida não podem se abster de uma certa posição de valor que marca a conservação, a regulação, a adaptação, a reprodução etc.)<sup>72</sup>

As ciências da vida colocam, de uma maneira singular, a questão filosófica do conhecimento. O biólogo estuda um objeto ao qual ele próprio pertence, “já que ele vive e essa natureza de vivo ele a manifesta”, e desenvolve uma atividade de conhecimento entendido como um método geral para a resolução direta ou indireta das tensões entre o homem e o meio. O biólogo busca compreender o que faz da vida um objeto específico de conhecimento, fazendo existir, “no seio dos vivos, seres que, por estarem vivos, são capazes de conhecer afinal de contas a própria vida.”<sup>73</sup>

Canguilhem se interessa em saber como o conceito se articula com a vida. O conceito enquanto uma informação que o vivente extrai de seu meio ou utiliza para estruturá-lo. O fato de o homem viver em um meio arquitetado conceitualmente não prova que ele se desviou da vida, mas que desenvolve uma tal relação com o meio que não tem sobre ele um ponto de vista fixo,

---

<sup>71</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. RJ: Forense Universitária, 2005. p.362.

<sup>72</sup> idem, p.363.

<sup>73</sup> idem, p.363.

concebendo-se a si próprios como viventes que possuem corpos móveis sobre um território indefinido, que ele tem que se deslocar, mover as coisas umas em relação às outras, para torná-las úteis. “Formar conceitos é uma maneira de viver, e não de matar a vida; é uma maneira de viver em uma relativa mobilidade e não uma tentativa de imobilizar a vida [...]”<sup>74</sup>

Canguilhem dedicou atenção ao encontro entre as ciências da vida e a teoria da informação, utilizando-se de termos como códigos, mensagens, mensageiros, etc. “Desse ponto de vista, *O Normal e o Patológico*, do qual uma parte foi escrita em 1943 e a outra no período entre 1963 e 1966, constitui, sem dúvida nenhuma, a mais significativa obra de Canguilhem.”<sup>75</sup> Ela mostra como o problema da especificidade da vida foi recentemente desviado em uma direção, na qual se encontram alguns problemas que se acreditavam pertencerem propriamente às formas mais desenvolvidas da evolução.

No cerne há o problema do erro. No nível mais fundamental da vida, os jogos do código e da decodificação abrem lugar para um acaso que, antes de ser doença, déficit ou monstruosidade, é alguma coisa como uma perturbação no sistema informativo, algo como um ‘equivoco’. ‘No limite, a vida — daí o seu caráter radical — é o que é capaz de erro. Se o vivente é o que está aberto ao erro, o homem é um vivente que nunca se encontra completamente adaptado, um vivente condenado a ‘errar’ e a se ‘enganar’. “Se admitimos que o conceito é a resposta que a própria vida dá a esse acaso, é preciso convir que o erro é a raiz do que constitui o pensamento e sua história.”<sup>76</sup>

Para Canguilhem, a verdade é, no enorme calendário da vida, o mais recente erro. A dicotomia verdadeiro-falso e o valor atribuído à verdade constituem a maneira mais singular de viver que foi inventada por uma vida “que do âmago de sua origem trazia em si a potencialidade do erro. O erro é a contingência em torno da qual se desenrola a história da vida e o futuro dos homens. Assim, a partir do erro, Canguilhem, formula problemas filosóficos e caracteriza-se como um ‘filósofo do erro’. “Será que toda a teoria do sujeito não deve ser reformulada, já que o conhecimento, mais do que se abrir à verdade do mundo, se enraíza nos ‘erros’ da vida? E é aí que encontramos resposta à

---

<sup>74</sup> idem, p.364.

<sup>75</sup> idem, p.364.

<sup>76</sup> idem, p.364.

seguinte questão formulada por Foucault: “A fenomenologia solicitou ao ‘vivido’ o sentido originário de qualquer ato de conhecimento. Mas não se pode ou não é preciso buscá-la do lado do próprio vivente?” Ao que Foucault responde que a fenomenologia, sobretudo a concebida por Merleau-Ponty, podia introduzir, no campo de análise, o corpo, a sexualidade, a morte, o mundo percebido; mas o Cogito aí permaneceria central,

nem a racionalidade da ciência nem a especificidade das ciências da vida podiam comprometer seu papel fundador. A essa filosofia do sentido, do sujeito e do vivido G. Canguilhem opôs uma filosofia do erro, do conceito do vivente, como uma outra maneira de abordar a noção de vida.<sup>77</sup>

Com a noção de vida entendida como capacidade inventiva e inesgotavelmente normativa na relação do organismo com o meio, Canguilhem se engaja em várias aventuras teóricas e filosóficas dispersas. Sua filosofia se construiu tendo a corporeidade como fundo que torna qualquer forma de conhecimento possível. Sua astúcia está em utilizar tão bem, nessas aventuras conceituais, o fato de que a vida não se deixa fixar, caracterizando-se por suas infinitas metamorfoses. O conhecimento não deve ser entendido como tentativa de definição da vida e do corpo, mas como manifestação da astúcia do vivente. Canguilhem se utiliza de um conceito de corpo, aquele formulado pela medicina e pela biologia no início do século XIX, corpo-organismo, mas dele se utiliza para se opor à definição objetiva e biologizante, à mecanização da vida e do corpo. Como afirma François Delaporte, na época em que Merleau-Ponty chamava atenção para o fato de que ainda existia uma luta entre mecanicismo e vitalismo, Canguilhem se destacou por traçar essas historicidades. Na filosofia de Canguilhem, a vida se define, sobretudo, por uma indefinição. No que diz respeito às reflexões sobre o corpo formuladas por Foucault, talvez esse seja o maior ensinamento.

---

<sup>77</sup> idem, p.366.

### 3. Capítulo II: Do corpo alma ao corpo dissecado

Imediatamente  
Vereis o meu corpo atuar  
Voar em estilhaços  
E em dois mil aspectos  
notórios  
Refazer  
Um novo corpo  
Onde nunca mais  
Podereis  
Esquecer-me.  
Antonin Artaud

Em 1961, Foucault publicou *História da Loucura na Idade Clássica*, resultado de sua tese de doutoramento sob a orientação de Canguilhem. Nesta obra já podemos notar uma das principais características de suas reflexões: uma preocupação incessante em colocar o corpo na cena da filosofia contemporânea. O livro tem por objeto, de maneira geral, analisar os vários discursos que o ocidente produziu sobre a loucura. Quando trata da intervenção terapêutica sobre a loucura no século XVIII, Foucault não se limita a conceber esta prática como manifestação da 'ciência da alma', mas investiga exaustivamente a forma como esse saber concebe a intervenção médica (uma ação sobre o corpo louco). Na Época Clássica, não existe diferença, imediatamente decifrável, entre medicamentos físicos e medicamentos psicológicos ou morais. A distinção entre o físico e o moral só se tornou um conceito prático na medicina do espírito a partir do século XIX.

A heterogeneidade do físico e do moral no pensamento médico não se originou da definição de Descartes das substâncias extensa e pensante; um século e meio de medicina pós-cartesiana não conseguiu assumir esta separação ao nível de seus problemas e seus

métodos, nem entender a distinção das substâncias como uma oposição entre o orgânico e o psicológico.<sup>78</sup>

A medicina clássica não introduziu, nos métodos de cura da loucura, o dualismo metafísico de Descartes. Neste período, o fisiológico se confunde com o psicológico. Por isso Foucault centra suas análises no corpo louco. A via de acesso a uma filosofia preocupada com uma reflexão sobre o corpo já existe em germe nos estudos sobre a loucura, pois Foucault não se prende a uma história da alma.

Com a publicação de *O nascimento da Clínica*, este projeto se desenvolve e ganha espaço; se o corpo ocupou uma posição de certa forma modesta em *História da Loucura*, nesse livro, publicado em 1963, o corpo torna-se, ao lado da medicina, o principal objeto. E, nestas reflexões sobre a medicina e o corpo, temos uma oposição mais clara à fenomenologia e uma aproximação aos problemas levantados pela obra de Canguilhem. Foucault, ao contrário da abordagem feita pela fenomenologia de Merleau-Ponty, não essencializa a relação corpo-meio para produzir o pensamento, mas constrói uma forma de pensamento que o problematiza de outro modo, muito mais em confluência com a filosofia de Canguilhem: através da historicização da mudança epistemológica que possibilitou o surgimento da medicina moderna. Quando a medicina se constituiu a partir da anatomia patológica de Bichat, no início do século XIX, o corpo passou a ser objetivado como um organismo vivo em luta contra a morte.

Este capítulo tratará da historicização do corpo-organismo, feita por Foucault em *O Nascimento da Clínica*. A obra de Bichat possibilitou a emergência da medicina moderna, contribuindo, ao mesmo tempo, para a formação do discurso que objetivou o corpo como um conjunto de órgãos que possui uma vida. Para compreendermos este processo histórico que culminou com o aparecimento de um novo conceito de corpo, devemos atentar, na obra de Bichat, aos seguintes pontos: 1- a sua oposição à análise do mundo vivo através de conceitos e métodos provenientes das ciências naturais; 2- sua concepção de experimentação; 3- seu conceito de doença, que possibilitou o surgimento do corpo como um organismo que possui vida.

---

<sup>78</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. SP: Perspectiva, 2007. p. 325

Para tratar destes pontos na obra de Bichat, precisamos relacioná-lo a duas historicidades às quais a sua obra estabelece um diálogo contínuo. A primeira a ser considerada é a medicina dos séculos XVII e XVIII e sua concepção de doença. Aí, uma mudança fundamental é operada: no lugar de simplesmente observar os sintomas e definir as essências patológicas, como acontecia com a medicina classificatória, Bichat estabelece como seu método fundamental a dissecação de cadáveres com o objetivo de definir a sede das doenças. A segunda trata-se de suas relações com o vitalismo, pois é no diálogo com estes médicos que podemos observar o projeto de oposição à teoria cartesiana do animal-máquina, superada por sua fisiologia. Na relação de Bichat com estes dois segmentos históricos emerge um novo conceito de corpo, tornado possível pela incansável prática de dissecação de cadáveres.

### **3.1. Bichat e o vitalismo**

Para adentrarmos à reflexão sobre o vitalismo, torna-se necessário discutir, através do texto *O homem de Vesálio no mundo de Copérnico*, de Canguilhem, o significado da obra de Vesálio, que no século XVI, antes do surgimento da teoria do animal-máquina, fez estudos anatômicos e percebeu as especificidades dos fenômenos vivos em relação aos fenômenos físicos. Com esta análise temos por objetivo mostrar o início do estudo da especificidade dos fenômenos vivos por Vesálio, e o aniquilamento destas pesquisas pelo mecanicismo cartesiano, que depois será alvo das críticas dos vitalistas.

Segundo Canguilhem, o ano de 1543 é incomparável para a história das ciências, pela publicação de *Revolução da órbita celeste*, de Copérnico, e *A fábrica do corpo humano*, de Vesálio. As duas obras rompem com a noção medieval de mundo e homem. A astronomia copernicana tornou possível o esclarecimento do cosmo antropocêntrico; a anatomia vesaliana tornou possível uma antropologia liberada de toda referência a uma cosmologia antropomórfica. Copérnico caracterizou-se como um calculador, Vesálio como um observador. Mas os dois possuem em comum o fato de proporem ao homem uma nova estruturação de sua visão de mundo e de si mesmo.

Vesálio procurou estudar a anatomia humana fazendo dissecações de



corpos humanos, opondo-se à tradição que defendia a possibilidade de estudar a anatomia humana através da dissecação de qualquer animal. No mesmo ano em que Copérnico propôs um sistema no qual a terra não poderia mais ser a medida e a referência do mundo, Vesálio apresentou uma estrutura do homem na qual o homem era, ele mesmo, sua referência e sua medida. “O humanista Copérnico desumanizou o lugar de onde é preciso ver o Cosmos verdadeiro. O humanista Vesálio fez do corpo humano o único documento verídico sobre a fábrica do corpo humano.”<sup>79</sup> Quando Vesálio se interessou pela anatomia de outros animais, foi para conformar a diferença do homem e para prestar atenção em suas analogias.

A anatomia vesaliana estabelece uma estreita ligação entre estrutura e função para tornar sensível a subordinação da construção ao movimento, da forma à vida. O objetivo da anatomia de Vesálio, ao analisar as diversas partes do corpo, é de obter o conhecimento deste conjunto de partes que se movimenta e possui uma vida. O homem de Vesálio é um indivíduo que possui em si a origem de suas determinações. “Neste sentido, embora ainda considerado como vivo em harmonia com o Cosmos, este homem se apresenta como ser dotado de espontaneidade e de uma espécie de autonomia orgânica.”<sup>80</sup>

O homem de Vesálio vive em um mundo humanizado e marcado por sua atividade. É o homem da energia e do trabalho, da transformação da natureza, engenheiro do Renascimento e pesquisador das leis do movimento e da utilização das forças moventes. Vesálio, assim como Galeno, considera o homem mais em sua destinação do que em sua origem. O homem de Galeno limita-se a contemplar a natureza imitando a ordem universal; o homem de Vesálio, ao contrário, é um homem que não se limita à contemplação, mas que torna sua mão um instrumento de conhecimento, que se utiliza de instrumentos e técnicas de dissecação, pois concebe o conhecimento como uma operação e não mais como uma simples contemplação. O que caracteriza a anatomia renascentista é a substituição da observação da autoridade dos mestres pela experiência. “Dizer que o conhecimento anatômico é tornado operativo por

---

<sup>79</sup> CANGUILHEM, Georges. *Études D'histoire et de Philosophie des Sciences*. Paris: Libraire Philosophie J. Vrin. p.30.

<sup>80</sup> Idem, p.31.

Vesálio, não é fazer dele um empírico,<sup>81</sup> o que importa é mostrar a sua oposição à forma como era concebido o estudo da anatomia: abertura de cadáveres para a simples verificação das verdades contidas nos manuais de anatomia.

Esta anatomia foi suprimida a partir do momento em que a mecânica galileana e cartesiana criaram o modelo de uma ciência universal em seu objeto e homogenia em seu método, abolindo a diferença ontológica que existe entre as coisas do céu e as da terra, entre as coisas inertes e os seres vivos.

Depois do início do século XVII, com efeito, o desenvolvimento dos métodos e as aquisições menos contestáveis da anatomia e da fisiologia parecem mais claramente inspiradas pelo espírito de Copérnico do que pelo de Vesálio, mesmo no domínio da vida. Ao exemplo de uma cosmologia tornada positiva através de uma renúncia ao Cosmos, a antropologia, para tornar-se positiva também, rejeitou todo antropomorfismo no estudo do homem. Foi assim que os organismos em geral, incluindo o do homem, foram progressivamente descritos e explicados, em sua estrutura e suas funções, como ponto de convergência de forças físicas [...]<sup>82</sup>

Na segunda metade do século XVIII, este modelo de conhecimento será alvo das críticas do vitalismo, que procurou enfatizar a especificidade e a particularidade do mundo vivo em relação ao mundo físico e sem vida.

Vesálio é, indiscutivelmente, o iniciador dos métodos e dos progressos de uma anatomia tornada positiva, utilizando sempre melhor os métodos de decomposição e de análise das estruturas e das funções. Segundo Canguilhem, Vesálio é uma espécie de germe orgânico, contendo em potência todo o desenvolvimento posterior da biologia.

\* \* \*

De uma maneira geral, o vitalismo é hoje mal conhecido; classificou-se como vitalista todos os biólogos que se opuseram ao mecanicismo, ou que possuíam alguns elementos finalistas. O vitalismo não é uma doutrina unitária e

---

<sup>81</sup> Idem, p.32.

<sup>82</sup> Idem, pp. 31-32.

estritamente definida, mas tem duas características fundamentais. Primeiro: ela começa no final do século XVII e acaba na segunda metade do século XIX. Segundo: afirma que os princípios vitais são irreduzíveis aos princípios físicos; o vitalismo tem por objetivo combater o efeito destruidor que o mecanicismo causa nos seres vivos.

Segundo André Pichot, “o vitalismo é uma consequência da revolução galileu-cartesiana na física.”<sup>83</sup> Após Galileu e Descartes, a física repousou sobre o princípio da inércia, contrária à vida. Daí em diante, a natureza torna-se morta, e é preciso compreender como os seres vivos ganham o seu lugar.

Na Antiguidade, na Idade Média e no Renascimento, os domínios da física, da biologia e da psicologia não eram bem distintos. Com Galileu, a nova física define seu território de maneira rigorosa. Descartes coloca no lugar um dualismo estrito que diferencia a substância extensa (o objeto da física) e a substância pensante (a alma). A vida desaparece neste dualismo, perde seu lugar em uma filosofia que não conhece nada além da matéria e do pensamento.

Para a biologia mecanicista dos séculos XVII e XVIII, o ser vivo é um autômato mecânico (dotado de uma alma se é um homem), uma espécie de máquina hidráulica constituída de partes sólidas e de fluidos que o circulam; as principais funções fisiológicas são explicadas pelo movimento dos fluidos, e por filtrações que separam os diversos componentes.<sup>84</sup>

O século XVIII se habituou ao choque entre alguns médicos e naturalistas. Um grupo de médicos se opôs ao mecanicismo reinante e acrescentou, às substâncias cartesianas (extensão e pensamento), um terceiro termo: uma substância viva. Daí surgiu o vitalismo.

O primeiro a enfatizar a necessidade de se explicar os seres vivos com leis físicas foi Georg-Ernst Sthal (1660-1734). Seu animismo deu origem ao vitalismo. Suas críticas visam a teoria cartesiana do animal-máquina; elas são de duas ordens: 1- epistemológicas, tratam da finalidade na biologia; 2-

---

<sup>83</sup> PICHOT, André. *Présentation de Recherches Physiologiques sur la vie et La mort et autres textes*. Paris: GF- Flammarion, 1994. p.10.

<sup>84</sup> Idem, p.11.

científicas, são fundadas sobre argumentos químicos.

Para Sthal, um relógio mal regulado é um puro mecanismo; mas um relógio bem regulado é um instrumento, pois o relógio bem regulado tem uma finalidade (dar as horas) que ultrapassa seu funcionamento mecânico. Um instrumento é um mecanismo subordinado a uma finalidade.<sup>85</sup>

Para o cartesianismo, o ser vivo é um instrumento de duas maneiras: o corpo é um instrumento da alma e cada órgão é um instrumento destinado à conservação do corpo. Para Sthal, a finalidade animal não é eliminada no animal-máquina, ela é somente deslocada: resta resolver o problema da concepção e da construção do corpo, que dão a ele uma estrutura onde os diferentes órgãos possuem funcionamentos harmonizados e finalizados.

Contra o animal-máquina e a pré-formação, Sthal pretende que seja a alma que comande a formação embriológica e o funcionamento do corpo adulto. Os órgãos funcionam bem segundo os princípios mecânicos, mas o funcionamento é comandado, harmonizado e finalizado pela alma.

Com a química, Sthal irá dizer que o corpo não se corrompe durante a vida por causa da ação da alma. Tal como comanda os músculos e os movimentos voluntários, a alma dirige os diferentes movimentos dos fluidos no interior dos corpos. "... à inércia Galileu-cartesiana da matéria é preciso acrescentar um princípio de movimento próprio ao ser vivo, uma alma."<sup>86</sup>

O século XVIII justificou a existência de Deus pela ordem finalizada da natureza: a maravilhosa estrutura e a maravilhosa harmonia dos órgãos nos seres vivos são provas da existência e da bondade de Deus, relojoeiro perfeito de pequenos animais-máquina.

Para Sthal, ao contrário, a natureza não foi feita para o ser vivo; ele deve sem cessar combater a ação de decomposição das leis naturais que agem sobre ele. Deus criou os seres como um relojoeiro fabrica seus relógios; mas os seres vivos se constroem progressivamente graças a um princípio que lhe é próprio, sua alma, comandando e

---

<sup>85</sup> Idem, p.11.

<sup>86</sup> Idem, p.15.

finalizando o jogo das leis físicas.<sup>87</sup>

Em oposição a Sthal, que acrescenta à matéria inerte um princípio de movimento que é a alma, Hoffman vai dar a esta matéria um dinamismo que lhe é próprio, num fenômeno puramente físico. “A matéria para Hoffman, como para Leibniz, e contrariamente a Descartes, não se reduz à simples extensão, ela é dotada de uma ‘atividade’, que se manifesta na elasticidade, mas também nas suas propriedades [...]”<sup>88</sup>

Segundo Pichot, a teoria de Hoffman indica uma tendência: dar à matéria uma atividade para se poder explicar o dinamismo dos seres vivos. O passo em direção ao vitalismo foi dado quando esta atividade da matéria tornou-se a atividade de uma matéria própria aos seres vivos, e mais ainda quando ela se opôs aos efeitos que as leis físico-químicas provocaram sobre esta mesma matéria.

De uma certa maneira, o vitalismo nasceu do encontro entre a tese de Sthal e a de Hoffman. O primeiro opôs uma alma às leis da física; o segundo opôs a atividade da matéria à extensão inerte de Galileu e Descartes. O vitalismo opôs uma atividade vital própria à matéria dos seres vivos às leis da física que agem sobre esta mesma matéria.<sup>89</sup>

O vitalismo não foi uma doutrina homogênea, mas, em geral, associa-se ao vitalismo, sobretudo, à Escola de Montpellier, e considera-se que antes de Bichat, seus dois principais representantes são Teóphile de Bordeu (1722-1776) e Paul Joseph Barthez (1734-1806), todos dois oriundos desta escola.

De acordo com a teoria de Barthez, a matéria é animada por diferentes princípios de movimentos, classificados por complexidade crescente. O mais simples é a impulsão, que permite a transmissão do movimento durante o choque de dois corpos. Em seguida vem a atração newtoniana, que se exerce à distância e explica tanto a queda dos corpos como o movimento dos astros. Depois, as afinidades químicas que se deve imaginar para dar conta das diversas reações entre os corpos. “Enfim, o último, e o mais complicado dos

---

<sup>87</sup> Idem, p.17.

<sup>88</sup> Idem, p.17.

<sup>89</sup> Idem, p.19.

princípios de movimento é o princípio vital que assegura no corpo ‘uma infinidade de movimentos necessários às funções da vida.’”<sup>90</sup> Para Barthez, o princípio vital é distinto da alma.

Apesar do prestígio de Barthez, a fisiologia vitalista de Bichat foi mais marcada pelas idéias de Bordeu. De acordo com Bordeu, mais afastado da teoria de Sthal, é graças a uma sensibilidade que os movimentos internos aos corpos lhe dão e lhe conservam a estrutura necessária à vida. O movimento do corpo é comandado por glândulas, que agem como agulhas, levando à elaboração dos movimentos dos fluidos orgânicos.

Para os mecanicistas, as glândulas excretavam as substâncias por uma espécie de compressão passiva (por exemplo, a glândula salivar era comprimida pelo movimento do maxilar, o que provoca a excreção da saliva na boca). Bordeu mostra experimentalmente que a explicação mecanicista é falsa e que as glândulas excretoras ativam os humores por um movimento que lhe é próprio e que é acionado por um estímulo (mal precisado). No lugar de um mecanismo passivo, existe uma atividade específica da glândula, uma atividade vital, dependente de uma sensibilidade própria.<sup>91</sup>

Para Bordeu, os poros das glândulas são dotados de uma sensibilidade nervosa que comanda sua abertura somente quando estimulada pelo humor adequado. Graças a esta sensibilidade as glândulas são capazes de separar o sangue do humor e orientá-lo por tal ou tal via pelos canais excretores. As sensibilidades locais comandam assim o movimento dos fluidos orgânicos, e mantêm a vida no corpo.

No lugar de um princípio vital único como em Barthez, existe um conjunto de sensibilidades locais que são consideradas por Bordeu como irreduzíveis à físico-química, e por isso definidas como especificamente vitais. Estas sensibilidades e atividades locais específicas levam Bordeu a pensar que o corpo é constituído de partes contendo cada uma sua vida própria, e o conjunto destas vidas próprias formam a vida do organismo.

Pode-se qualificar como vitalistas outros médicos e naturalistas do século XVIII que imaginaram uma matéria própria à vida (Buffon), as forças

---

<sup>90</sup> Idem, p.19.

<sup>91</sup> Idem, p.21.

diversas que comandaram o desenvolvimento embriológico (a força formadora de Blumenbach, a *vis essentialis* de Wolf), ou mesmo as forças que explicam a geração espontânea (a força vegetativa de Nedham). Estas teses são bastantes confusas e pouco elaboradas, mas elas se caracterizam pela recusa do animal-máquina cartesiano. O princípio vital foi suposto pelos vitalistas como irreduzível aos princípios físico-químicos então conhecidos, e mesmo opostos a eles, sem ser um princípio sobrenatural; ele é simplesmente uma força especial, própria aos seres vivos, material.

\* \* \*

Existe, na obra de Bichat, uma clara oposição à análise do mundo vivo através de conceitos provenientes das ciências naturais. Em *Discurso sobre o estudo da fisiologia*, ela afirma que a física foi estudada amplamente no século XVII, estendendo seus domínios até os limites da fisiologia do corpo vivo, negligenciando a existência das forças vitais em prol da compreensão do ser como uma máquina feita de mecanismos. Ao primeiro golpe de vista, parece que tudo deve ser submetido ao cálculo, que tem o poder de definir com precisão as nossas forças; pois, segundo o mecanicismo, a física consegue exprimir em fórmulas algébricas todas as máquinas. Bichat critica Borelli, que fez um livro sobre cálculos precisos de todos os esforços musculares. “Os cálculos são verdadeiros, mas o princípio de onde parte é falso, porque as forças variam a cada instante nos músculos, não existindo nenhum instante em que eles não sofram variação.”<sup>92</sup> E esta variação ocorre ao mesmo tempo no indivíduo, na idade, no sexo, no temperamento, etc. Bichat critica o estudo da circulação através de leis hidráulicas; o estudo dos fenômenos de absorção pela hidrostática; o estudo da respiração através da teoria do ar; o estudo do sistema nervoso através da eletricidade; e o estudo da voz e da visão pelas leis da acústica e da ótica.

Os corpos orgânicos podem até obedecer às leis da gravidade, da elasticidade, da impulsão, etc. Mas, além destas leis, elas obedecem

---

<sup>92</sup> BICHAT, Xavier. *Recherches Physiologiques sur la vie et La mort et autres textes*. Paris: GF-Flammarion, 1994. pp. 296-297.

principalmente às leis vitais: a sensibilidade e a motricidade.

Há uma luta, um esforço contínuo entre as leis físicas e orgânicas; sem cessar umas são modificadas pelas outras. Ora, como as leis vitais não podem ser objeto de cálculo, fica evidente que as matemáticas aplicadas à fisiologia são quase nulas.<sup>93</sup>

Em *Anatomia Geral Aplicada à Fisiologia e à Medicina*, Bichat afirma que existem "duas classes de seres, duas classes de propriedades e duas classes de ciências. Os seres são orgânicos ou inorgânicos, as propriedades vitais ou não vitais, as ciências fisiológicas ou físicas."<sup>94</sup> Os animais e os vegetais compõem o mundo orgânico e os minerais fazem parte do mundo inorgânico. As propriedades vitais são a contratilidade e sensibilidade. Dentre as propriedades não vitais podemos citar a gravidade e a elasticidade. A fisiologia e a medicina fazem parte das ciências fisiológicas; a astronomia, a física e a química são ciências físicas.

... aplicar as ciências físicas à fisiologia é explicar pelas leis dos corpos inertes, os fenômenos dos corpos vivos. Ora, eis aí um princípio falso: por isso todas as suas conseqüências devem ser marcadas ao mesmo tempo. Deixemos para a química sua afinidade e para a física sua elasticidade e sua gravidade. Não empreguemos para a fisiologia nada além da sensibilidade e da contratilidade: com exceção, no entanto, dos casos em que o mesmo órgão torna-se sede de fenômenos vitais e físicos, como o olho e a orelha, por exemplo.<sup>95</sup>

As diferenças entre essas duas classes de ciências derivam essencialmente das propriedades que presidem os fenômenos que são objetos de cada uma dessas ciências. É impossível calcular os fenômenos do corpo vivo com precisão, porque ao contrário dos fenômenos físicos, as forças vitais variam incessantemente. Os fenômenos das ciências fisiológicas (respiração, digestão, circulação, inflamação, etc.) caracterizam-se por sua constante mobilidade.

---

<sup>93</sup> Idem, p.299.

<sup>94</sup> Idem, p.218.

<sup>95</sup> Idem, p.233.



A crítica de Bichat à fisiologia mecanicista não se prende à oposição entre mecanicismo e vitalismo. Bichat também faz uma série de críticas aos vitalistas, que relacionaram a economia do ser vivo a um princípio único, abstrato, ideal e puramente imaginário. O trabalho da fisiologia deve ser o de

Analisar com precisão as propriedades dos corpos vivos; mostrar que todo fenômeno fisiológico se relaciona em última análise com as propriedades consideradas em seu estado natural, que todo fenômeno patológico deriva de seu aumento, de sua diminuição ou de sua alteração, que todo fenômeno terapêutico tem por princípio seu retorno ao estado natural do qual eles estavam afastados;<sup>96</sup>

Bichat não nega a importância dos vitalistas, mas afirma que eles não chegaram a um resultado. A fisiologia deve muito à escola de Montpellier por ter abandonado as teorias boerhevianas e por ter seguido o impulso dado por Sthal. Com Sthal iniciou-se uma época mais digna para estas ciências. Ele sentiu a discordância das leis físicas com as funções animais: foi o primeiro passo para a descoberta das leis vitais. Canguilhem afirma que Sthal impôs uma “teoria da vida como fundamento indispensável do pensamento e da prática médica.”<sup>97</sup> O médico não pode ignorar qual é o fim e a destinação das práticas vitais, pois senão como poderia intervir na vida? O que confere à vida seus movimentos é a alma. “Os corpos vivos são corpos compostos, constantemente ameaçados por uma rápida dissolução e uma fácil corrupção, e portanto dotadas de uma disposição contrária e oposta à corrupção.”<sup>98</sup> Sthal define a vida como poder de suspender temporariamente um destino corruptível. Depois de Sthal, vários autores, cada um ao seu modo, relacionou os seres vivos a um princípio único diversamente denominado. Trata-se de princípios abstratos que possuem a mesma realidade que os princípios que regem os fenômenos físicos.

A crítica aos vitalistas é feita por se utilizarem de um vocabulário vago e exporem suas teorias de forma isolada, eliminando a possibilidade de diálogo entre os vários autores. Bichat defende a busca de um método comum à

---

<sup>96</sup> Idem, p.214.

<sup>97</sup> CANGUILHEM, Georges. Vie. In. Enciclopédia Universal. Paris, 1974. p.807.

<sup>98</sup> Idem, p. 807.

fisiologia, fundamentado não na especulação teórica e na formulação de princípios que só funcionam no interior de uma obra, mas na observação, na dissecação e na experimentação.

Como afirma André Pichot, comparadas às teorias dos demais vitalistas, a tese de Bichat tem uma grande clareza, tanto na sua concepção quanto na maneira como é apresentada. Existe nele a preocupação em construir uma fisiologia estruturada e sistemática. Tudo isso contribuiu para fazer de sua fisiologia o vitalismo por excelência. Bichat não dá uma definição fixa para o princípio vital. O que ele apresenta como característica da vida é uma forma de sensibilidade e de contractilidade próprias aos tecidos vivos. Não há uma preocupação em precisar a natureza profunda destas propriedades vitais, e acredita que o conhecimento desta natureza é inútil, como é, segundo ele, a busca das causas em todo gênero.

Jacob chama atenção para a diferença que separa este vitalismo do animismo do século precedente. O recurso a um princípio vital decorre da necessidade de separar os seres das coisas e de fundar esta separação não na matéria, cuja unidade é reconhecida, mas nas forças. “O vitalismo funciona como fator de abstração. A vida desempenha um papel preciso no saber. Ela é aquilo que se investiga no animal ou na planta, é o objeto da análise.”<sup>99</sup> É esta porção de desconhecido que faz com que o organismo se diferencie da coisa e a biologia da física. O vitalismo é essencial para os primórdios da biologia.

### **3.2. Doença: de essência à lesão**

Para analisarmos o corte que as pesquisas de Bichat provocaram na história da medicina é necessário, antes de tudo, caracterizar a noção de doença que constituiu a medicina classificatória dos séculos XVII e XVIII. Para esta medicina, o fenômeno patológico possui uma essência, um elemento ideal, que se manifesta através de sintomas. Bichat provocou uma descontinuidade na história da medicina quando passou a conceber a doença como uma lesão que possui uma sede demarcável no corpo; e isto foi possível

---

<sup>99</sup> JACOB, François. *A Lógica da Vida: uma história da hereditariedade*. RJ: Edições Graal, 1983. p. 99.

graças aos métodos de dissecação e experimentação formulados por ele.

A medicina classificatória está em continuidade com a concepção de corpo do mecanicismo, mas elabora-se tomando como modelo a História Natural, fundamentando-se, tanto no nível teórico quanto no prático, a partir da regra classificatória. Para esse saber do século XVIII, a possibilidade do conhecimento científico se dá através da ordenação da natureza. A História Natural é contemporânea do cartesianismo, compartilham a mesma episteme<sup>100</sup>, mas a forma de ordenação do real se dá de forma diferente, e isso acontece não porque os naturalistas se viam impossibilitados de matematizar o seu objeto, pois na época clássica a linguagem, assim como a matemática, possui a capacidade de representar o seu objeto.

O saber das espécies se constitui através do ato de ver para depois dizer. Mas isso não poderia acontecer se as palavras e as coisas não se comunicassem, desde o início, numa representação. O naturalista é aquele que vê e narra a partir do seu olhar. E essa visão tem por objetivo captar a extensão que constitui os seres da natureza, descrevendo-os de acordo com os quatro valores de sua estrutura: forma dos elementos; quantidade desses elementos; maneiras como eles se distribuem no espaço uns em relação aos outros e a grandeza relativa de cada um.

A estrutura de cada planta ou animal é a composição e a reunião das peças que formam o seu corpo, permitindo representarem-se no discurso. Graças à estrutura, a proliferação dos seres na superfície do planeta pode entrar na sucessão de uma linguagem descritiva, no campo de uma *mathêsis* que seria a ciência geral da ordem. Depois de feita a transcrição do visível para a linguagem, o naturalista deve aproximar os seres naturais e situá-los, ao mesmo tempo, num sistema de identidades e diferenças.

No século XVIII, a continuidade da natureza é exigida por toda a História Natural, isto é, por todo o esforço para instaurar na natureza uma ordem e nela descobrir categorias gerais, que sejam elas reais e prescritas por distinções manifestas, quer cômoda e simplesmente demarcadas por nossas imaginações. Só o contínuo pode garantir que

---

<sup>100</sup> O conceito de episteme é específico da arqueologia dos saberes desenvolvida por Foucault em *As Palavras e as Coisas*.

a natureza se repita e que a estrutura, por consequência, possa tornar-se caráter.<sup>101</sup>

Da forma como a História Natural se constituía na Época Clássica, os naturalistas se empenhavam em produzir uma representação ordenada dos seres da natureza. Isso se dava através da representação dos seres em um quadro taxonômico. Nesse período, não existe descontinuidade entre o que se vê e o que se representa no discurso. Pelo contrário, a palavra possui o poder de representar, de passar por sob o sistema dos signos em direção ao ser daquilo que é significado. A ordem da natureza tem, para a experiência clássica, o mesmo modo de ser que a ordem das representações. O que a álgebra é para a *mathêsis*, os signos, e em particular as palavras, o são para a taxonomia: constituição e manifestação evidente da ordem das coisas. A História Natural toma como objeto de saber um quadro que reconstitui a ordem natural das espécies animais.

A medicina classificatória, partindo deste mesmo princípio, procura reconstituir, depois de perceber os sintomas na superfície visível do corpo, a ordem geral das doenças, que se localizam em um espaço diferente do espaço do corpo. É esse espaço onde as doenças existem em continuidade, preservando a sua ordem natural, que os médicos tomam como objeto de conhecimento, através de um quadro que representa as diferentes espécies patológicas.

Os médicos do século XVIII, assim como Descartes, relegam o corpo a uma posição desprivilegiada, não dando atenção a ele, percebendo-o como uma extensão espacial na qual as doenças só manifestam seus sintomas. “(...) a regra classificatória domina a teoria médica e mesmo sua prática; aparece como a lógica imanente das formas mórbidas, princípio de sua decifração e a regra semântica de sua definição [...]”<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. SP: Martins Fontes, 1999. p.203.

<sup>102</sup> FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. p.02.

Para ela, antes de se situar no corpo, a doença recebe uma organização hierarquizada em espécie, supondo uma determinada configuração do fenômeno patológico que se pode definir através dos resquícios essenciais. Essa concepção da medicina classificatória desloca o organismo para problemas subalternos, mas com ele se relaciona estabelecendo um sistema fundamental que põe em jogo envolvimentos, subordinações, divisões e semelhanças. A doença se localiza em um quadro nosológico anterior às percepções e que as dirige de longe; é a partir desse quadro que a doença emerge ao olhar, inserindo suas características no plano visível do corpo, manifestando sua verdade numa superfície que assemelha a um retrato. “Espaço profundo, anterior às percepções e que as dirige de longe; é partir dele, das linhas que cruza, das massas que distribui ou hierarquiza, que a doença, emergindo ao olhar, insere suas características próprias em um organismo vivo”.<sup>103</sup>

O médico percebe a manifestação da doença através do princípio da analogia, que faz deslocar seu olhar da superfície do corpo para o quadro nosológico, descobrindo a ordem racional das doenças e decifrando a ordem geral da natureza.

Foucault afirma que essas doenças tratam-se, ao mesmo tempo, “de espécies naturais e ideais. Naturais, porque as doenças nelas anunciam suas verdades essenciais; ideais, na medida em que nunca se dão, na experiência, sem alteração ou distúrbio.”<sup>104</sup> Para esse pensamento classificatório, o doente causa perturbações na manifestação da doença. É por isso que para conhecer a verdade do fato patológico, o médico deve abstrair o doente, que é visto apenas como um fator exterior àquilo que sofre. A intervenção do médico no corpo do doente deve estar estritamente submetida à ordenação ideal da nosologia, que deve orientar o olhar médico como bússola.

A preocupação maior da medicina classificatória é fazer com que a doença se manifeste de acordo com a sua natureza, sem lhes causar nenhum desvio ou perturbação. Só assim o doente pode se ver livre do fenômeno patológico. Para isso, ao mesmo tempo em que exige, por parte do médico, um conhecimento aprofundado do quadro das doenças, é necessário também que

---

<sup>103</sup> idem, p.03.

<sup>104</sup> idem, p.06.

a doença se desenvolva em um ambiente propício à manifestação de sua natureza.

O corpo não aparece como o principal elemento a ser analisado pelo médico, não é nele que se deve intervir para a cura. O espaço hospitalar é visto com maus olhos pelos médicos, que o invalida por se tratar de um meio social que causa desajustes na manifestação da essência patológica. A doença deve estar livre do artifício médico. Quanto mais complexo o espaço social em que está situada, mais ela se desnaturaliza. A doença deve desenvolver-se no lugar natural da vida, ou seja, a família. Desta forma, a medicina hospitalar é contraposta à medicina domiciliar.

A medicina das espécies implica, portanto, uma espacialização livre para a doença, sem região privilegiada, sem opressão hospitalar – uma espécie de repartição espontânea em seu local de nascimento e desenvolvimento que deve funcionar como um lugar em que ela desenvolve e realiza sua essência, em que ela chega a seu fim natural: a morte, inevitável se esta é a sua lei; a cura, freqüentemente possível, se nada vem perturbar sua natureza.<sup>105</sup>

O espaço da doença se encontra em um espaço diferente do espaço do corpo, não existe uma superposição entre os dois. Entretanto, existem pontos de contato entre a doença e o corpo;

mas trata-se apenas de setores em que a doença segrega ou transpõe suas qualidades específicas [...] O conjunto qualitativo que caracteriza a doença se deposita em um órgão que serve então de suporte aos sintomas. A doença e o corpo só se comunicam através do elemento não espacial da qualidade.<sup>106</sup>

Dessa maneira, a medicina não é um saber que matematiza seu objeto, pois da forma como está constituída o que lhe interessa não é medir, mas sim ordenar as manifestações qualitativas da doença. “Nenhuma mecânica

---

<sup>105</sup> idem, p.18.

<sup>106</sup> idem, p.12.

mensurável do corpo pode, em suas particularidades físicas ou matemáticas, dar conta de um fenômeno patológico.”<sup>107</sup>

Na segunda metade do século XVIII, os médicos começam a se contrapor aos princípios constitutivos da medicina classificatória. Ao invés desse olhar que só se aproxima do corpo por intermédio de um quadro representativo, os médicos passam a desejar um olhar capaz de intervir em sua superfície através da observação. Uma crescente crítica é feita à forma como a prática médica se organiza institucionalmente na sociedade. Os médicos irão afirmar que só é possível um conhecimento do mundo da doença se o saber médico for construído no interior da instituição hospitalar. Nesse embate contra a medicina classificatória, a exigência da organização através da percepção do olhar ganha uma dimensão idealizada. Os discursos irão afirmar que a clínica foi o elemento que possibilitou, através dos milênios, a acumulação positiva do saber médico, não deixando que a medicina desaparecesse com as suas especulações e sistemas teóricos. Com essas exigências de uma nova forma de organização da medicina, o quadro nosológico das espécies será relegado para um plano secundário, exigindo que o médico, antes de qualquer coisa, dirija seu olhar para a superfície visível do corpo.

Roberto Machado, em seu livro dedicado à obra de Foucault, *Ciência e Saber: a trajetória arqueológica de Michel Foucault*, afirma que essa clínica do século XVIII não representa uma transformação decisiva na experiência médica; ela é contemporânea da medicina classificatória na medida em que não critica radicalmente os seus princípios. Para o autor, nesta época, a clínica não é produtora de conhecimento. Ela está subordinada a uma elaboração teórica que lhe é anterior, organizando-se pelo estabelecimento de uma relação entre o saber médico e dois saberes extra-médicos: a analítica da linguagem de Condillac e o cálculo das probabilidades.

Para o pensamento do século XVIII, o sintoma é a forma como a doença se apresenta no corpo. A clínica irá utilizar a relação, fundamental em Condillac, do ato perceptivo com o elemento da linguagem. Dessa forma, ao perceber o sintoma no corpo do doente, o médico deve relacioná-lo a uma estrutura

---

<sup>107</sup> idem, p.13.

lingüística com o objetivo de descobrir a ordem natural da doença, que é inteiramente enunciável em sua verdade. Mas não se trata mais de lidar com um quadro para reconhecer a doença, e sim de restituir, ao nível das palavras, uma história que recobre seu ser total.

A ordem da linguagem é a mesma que a ordem da verdade, pois a enunciação discursiva restitui o tempo. Foucault diz que o tempo ocupa, nesse novo saber, o papel desempenhado na medicina classificatória pelo espaço plano do quadro nosológico. Com essa reorganização, a oposição entre a natureza e o tempo, entre o que manifesta e o que anuncia, desaparece, levando com ela a divisão entre a essência e a doença, seus sintomas e seus signos.

A doença escapou da estrutura móvel e visível que a torna invisível e do invisível que a faz ver, para se dissipar na multiplicidade visível dos sintomas que significam, sem resíduo, sem sentido. O campo médico não conhecerá mais essas espécies mudas, dadas e retiradas; se abrirá sobre alguma coisa que sempre fala uma linguagem solidária, em sua existência ou seu sentido, do olhar que a decifra – linguagem indissociavelmente lida e que lê.<sup>108</sup>

Os médicos começam a perceber que o fato da medicina ser uma ciência de incertezas, sem nenhum fundamento objetivo, a tornava complexa na sua relação com o objeto e imperfeita como ciência. Mas, com Laplace, a medicina descobre tratar a incerteza analiticamente como a soma de graus de certezas, isoláveis e suscetíveis de um cálculo rigoroso. A medicina dará um caráter positivo a esse conceito. Com essa mudança, abre-se um domínio de investigação em que cada fato constatado, isolado e posto em relação a um conjunto pode tomar lugar em uma série de acontecimentos cuja convergência ou divergência eram, em princípio, mensuráveis. Cada elemento percebido torna-se um fato registrado, colocado em uma série aleatória a partir da evolução em que se encontra. O que é posto em questão é menos o corpo do doente do que o fato patológico indefinidamente reproduzível nos demais doentes igualmente afetados. Essa forma probabilística de dar certeza à

---

<sup>108</sup> idem, pp.108-109.



medicina é responsável por colocar os acontecimentos em uma série de fatos, deixando de lado o corpo doente, sendo estudado através das probabilidades.

Sobre essa nova organização da clínica, Foucault afirma que a estrutura aleatória do caso e a estrutura lingüística do signo se justapõem sem encontrar um fundamento. Segundo ele,

Enquanto que para a configuração precedente (signo-linguagem) a coerência era real, se bem que muitas vezes à meia luz, agora a probabilidade é incessantemente invocada como forma de explicação ou justificação, mas o grau de coerência que atinge é fraco. A razão não está na teoria matemática das probabilidades, mas nas condições que podiam torná-la aplicável: o recenseamento dos fatos fisiológicos ou patológicos, como os de uma população ou de uma série de acontecimentos astronômicos, não era tecnicamente possível em uma época em que o campo hospitalar continuava ainda a tal ponto à margem da experiência médica que apareciam muitas vezes como sua caricatura ou espelho deformante.<sup>109</sup>

Esse modelo clínico que procura se afirmar através da observação do visível e de sua enunciação em uma estrutura lingüística entra em declínio no início do século XIX. O corpo começa a se colocar como um problema, e os médicos, sem o conhecimento de sua profundidade, deparar-se-ão com novos espaços, com novas visibilidades capazes de os perturbarem: “o olhar se choca com massas obscuras, com volumes impenetráveis, com a pedra negra do corpo.”<sup>110</sup>

Com a falência dessa tentativa de reorganização através da estrutura da linguagem de Condillac e do cálculo das probabilidades, a medicina procura se armar tecnicamente para explorar um novo espaço:

o espaço tangível do corpo, que é ao mesmo tempo essa massa opaca em que se ocultam segredos, invisíveis lesões e o próprio mistério das origens. E a medicina dos sintomas, pouco a pouco, entrará em uma regressão, para se dissipar diante da medicina dos órgãos, do foco e das causas, diante de uma clínica inteiramente ordenada pela anatomia patológica. É a idade de Bichat.

---

<sup>109</sup> Idem, p.111.

<sup>110</sup> idem, p.134.

\* \* \*

O método concebido por Bichat para constituir a sua anatomia e formular o novo conceito de doença e de corpo se aproxima do modelo da física newtoniana. Segundo ele, as ciências físicas e biológicas se compõem de duas coisas: estudo dos fenômenos, que são os efeitos; pesquisa das conexões que existem entre elas e as propriedades físicas ou vitais, que são as causas. Segundo ele, Newton operou uma verdadeira revolução no seio das ciências físicas, encontrou o segredo da criação, a simplicidade das causas reúne a multiplicidade dos efeitos. Longe de se prender a discussões abstratas sobre as forças vitais, Bichat volta sua atenção para os fenômenos decorrentes delas.

Existem três formas de se analisar os fatos fisiológicos: 1- através da observação do homem saudável; 2-fazendo experiências com animais vivos; 3- observando os animais doentes. O primeiro método é o mais simples e natural. Através dele identificamos duas classes de funções: uma externa, outra interna. A observação dos animais saudáveis também mostra que a vida exterior se compõe da ação dos sentidos e das sensações, da percepção pelo cérebro, da vontade e da locomoção. Mostra que a vida interior se compõe pela alimentação e se decompõe pelos excrementos, pela transpiração, etc.

Mas sem os conhecimentos anatômicos, a observação do animal sadio se torna vaga, ficando difícil de conhecer as diversas funções que compõem a vida interior. “É à falta de união entre a anatomia e a observação dos fenômenos que é preciso relacionar o pouco conhecimento dos antigos em fisiologia [...]”<sup>111</sup> Este estudo não deve acontecer de maneira isolada, mas através da observação das funções nas diversas espécies de animais. É preciso observar a respiração, a circulação e a sensibilidade dos animais.

Como o objeto destas experimentações são variáveis, torna-se difícil formular um método fixo, mas Bichat enumera algumas regras que devem ser seguidas para o desenvolvimento das pesquisas: é preciso comparar o estado de um animal sadio com o que se experimenta; não atribuir a uma causa algo que acontece por motivos estranhos a essa causa; repetir sobre o mesmo

---

<sup>111</sup> BICHAT, Xavier. *Recherches Physiologiques sur la vie et La mort et autres textes*. Paris: GF- Flammarion, 1994. p.289.

objeto várias experiências: daí pode resultar a verdade.

No início da *Anatomia Geral Aplicada à Fisiologia e à Medicina*, Bichat fala sobre os métodos utilizados para chegar ao conhecimento dos tecidos que compõem o organismo: “experiências com animais vivos, experiências com diversos reativos aplicados sobre os tecidos orgânicos, dissecações, aberturas de cadáveres, observação do homem na saúde e na doença.”<sup>112</sup> Isto porque a ciência do mundo animal deve ser construída com base em fatos e experiências. Foram feitas várias experiências com os tecidos submetidos à dissecação com o objetivo de estabelecer os caracteres distintivos para os diversos tecidos; para mostrar que cada um tem sua organização particular; para provar, através da diversidade dos resultados obtidos, que a divisão adotada repousa não sobre abstrações, mas sobre as diferenças da estrutura íntima. A grande especificidade de Bichat foi o fato de privilegiar a autópsia como principal instrumento para se obter um conhecimento verdadeiro do corpo.

No que diz respeito à definição de doença e à crise por que a medicina classificatória passava Bichat irá dizer aos médicos: "O que é a observação se ignora-se a sede do mal?" Segundo ele, mesmo que se tome nota no leito dos doentes durante vinte anos, de manhã até à noite, sobre as doenças do coração, do pulmão, das vísceras, etc., toda esta observação não passará de uma confusão dos sintomas, que oferecerão uma série de fenômenos incoerentes. E Bichat indica o caminho que o médico deve seguir para obter um conhecimento claro das doenças que perturbam o organismo: "Abram alguns cadáveres, logo verão desaparecer a obscuridade que a observação nunca pode dissipar."<sup>113</sup>

Bichat modifica a relação da medicina com a doença, formulando uma nova definição do fenômeno patológico. Neste ponto específico, reside sua principal contribuição para a medicina do século XIX, pois a doença deixa de ser uma essência definida em um quadro nosográfico e passa a ser objetivada como "alterações das propriedades vitais presentes nos tecidos." A doença torna-se uma lesão que possui uma sede.

---

<sup>112</sup> Idem, p.213.

<sup>113</sup> Idem, p.269.

A partir do cadáver, o anatomista percebe a doença viver, possuindo uma terra, uma pátria demarcável, um lugar que se esconde na profundidade de maneira sólida. Com Bichat, a doença não se configurará mais em nenhuma estrutura de racionalidade em que se trata da natureza e da ordem das coisas. Agora, a doença se instala na profundidade do corpo. O trabalho do anatomista passa a ser o de descobrir a especificidade de cada patologia, ou seja, saber como ela se aloja no corpo, se dissemina e espalha. Cada tipo de membrana possui modalidades patológicas próprias, isso se dá porque cada tecido possui propriedades vitais que lhes são próprias.

E se cada tecido é diferente dos outros em sua relação com as propriedades vitais, é evidente então que cada tecido será afetado por doenças diferentes. "Por isso, em todo órgão composto de tecidos diferentes, um pode estar doente, enquanto os outros permanecem intactos; isso é o que acontece na maioria dos casos."<sup>114</sup> Nas convulsões ou na paralisia dos músculos da laringe, por exemplo, a superfície mucosa permanece intacta. Bichat acredita que quase nunca uma doença afeta primitivamente a totalidade dos órgãos. O que pode acontecer é um tecido infectado, no qual a doença dure por muito tempo, influenciar os tecidos vizinhos, mas a infecção primitiva se localiza sempre em um tecido específico.

É preciso fazer uma distinção importante para se estudar as doenças dos diversos tecidos:

1º certos tecidos, como o ósseo, o muscular da vida animal, etc., são exatamente os mesmos em todos os órgãos onde eles se encontram, em consequência disso suas doenças quase não apresentam variações; 2º outros tecidos, como o cutâneo, o seroso, o mucoso, etc., possuem, de acordo com os órgãos aos quais pertencem, algumas variedades de estrutura e de propriedades vitais, que modificam necessariamente os fenômenos gerais das doenças pertencentes a esses tecidos; 3º outros, como o glanduloso, o muscular da vida orgânica, etc., são muito diferentes em cada órgão; seus sintomas gerais e sua classe de doenças devem por consequência se diferenciarem muito.<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> Idem, p.258.

<sup>115</sup> Idem, p.265.

No livro *Anatomia Patológica*, Bichat afirma que existem duas classes de doenças: 1- as que afetam o corpo de uma maneira geral; 2- aquelas que atacam um órgão particular (locais). As febres caracterizam-se como doenças gerais, pois afeta o organismo sem situar-se num lugar específico. Já as doenças locais são aquelas que têm como característica principal a lesão em um órgão específico.

O conceito de doença local permite a Bichat superar a medicina das espécies, pois o fenômeno patológico deixa de ser essência e passa a se instalar no interior de um órgão. Um exemplo que ele dá, a esse respeito, é o caso da icterícia, que havia sido por muito tempo considerada pelos médicos como uma doença essencial; a autópsia de cadáveres mostrou que esse fenômeno, considerado como primitivo e essencial, não é mais do que uma infecção, uma lesão que provoca alterações no fígado.

A abertura de cadáveres... mostra-nos que quase todas as doenças locais possuem a sua sede em um tecido particular do órgão afetado. Quando se conhece bem as doenças, para as distinguir é preciso diferenciar três espécies de sintomas. Os primeiros são exclusivos do órgão afetado, os segundos dependem dos órgãos vizinhos, e os terceiros são gerais.<sup>116</sup>

Bichat conclui que a icterícia não é nada além de um sintoma. Por isso, os médicos devem deixar os sintomas e partirem em busca da sede orgânica das doenças; isto não significa que os sintomas não sejam necessários para a compreensão da doença, mas que para fazer uma classificação metódica é preciso evitar tudo o que é acessório.

O estudo das doenças deve ser dividido em duas partes. Na primeira, deve se analisar o exame das infecções próprias a cada sistema em particular, e das infecções que afetam as doenças gerais nos mesmos sistemas. Na segunda, deve se considerar as doenças nos diversos órgãos que elas ocuparam. Cada sistema possui uma ordem de lesões que lhe é própria, qualquer que seja a parte que ela ocupa. Daí a necessidade de examinar cada

---

<sup>116</sup> BICHAT, Xavier. *Anatomie Patologique*. Paris : J.-B. Baillière, 1825. p.13.

doença dos sistemas de maneira particular. Quanto mais se observa as doenças e se abre cadáveres, mais nos convencemos da necessidade de considerar as doenças locais, pois percebemos que elas atacam os tecidos de forma isolada. A doença atinge um tecido e se alastra horizontalmente, sem penetrar em outros tecidos. “A unidade funcional de um órgão não basta para forçar a comunicação de um fato patológico de um tecido a outro”.<sup>117</sup>

Mas, em muitas doenças crônicas, todas as partes de um órgão pode se alterar pouco a pouco e, ao se abrir o cadáver, a totalidade deste órgão parece afetada, embora um único tecido fosse afetado primitivamente. Este tipo de fenômeno ocorre geralmente nos órgãos afetados pelo câncer. Bichat admite formas de penetração por camadas. Isso se dá através do “princípio de penetração em parafuso”, que torna possível o espalhamento da doença em outros tecidos.

Pode acontecer que uma afecção dure bastante para impregnar os tecidos subjacentes ou vizinhos: é o que produz nas doenças crônicas como o câncer, em que todos os tecidos de um órgão são sucessivamente atingidos e acabam confundidos em uma massa comum.<sup>118</sup>

E essas passagens podem acontecer por um movimento que vai, ao mesmo tempo, de um tecido a outro e de uma estrutura a um funcionamento.

A diversidade dos tecidos não altera simplesmente a natureza dos sintomas, mas ela diferencia ainda a duração. Para a formulação de uma anatomia patológica é preciso analisar as alterações próprias a cada sistema e as formas de perturbação que cada doença provoca nos diferentes órgãos. Enfim, é preciso um estudo exaustivo do interior do corpo para chegarmos ao conhecimento das doenças.

Os médicos só conseguiram romper com a medicina do século XVIII quando a clínica se constituiu em uma articulação com a anatomia patológica de Bichat, e é aí que vai acontecer a principal mudança que nos interessa: o

---

<sup>117</sup> FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. p.170.

<sup>118</sup> Idem, p.171.

corpo deixará de ser uma extensão espacial para se tornar um conjunto de órgãos que possui uma vida.

Os anatomistas descobrem, no seu modo de lidar com a doença, uma não-filosofia, “uma filosofia abolida, que eles teriam superado, aprendendo enfim a perceber: tratava-se apenas de um desnível no fundamento epistemológico em que eles apoiavam a sua percepção”. Para isso, “foi preciso abrir a linguagem a todo um domínio novo: o de uma correlação contínua e objetivamente fundada entre o visível e o enunciável”.<sup>119</sup> Trata-se de ver para dizer. Analisando a morte, todo o fundo negro do corpo vem à luz, “vida obscura, morte límpida”. Através da morte, descobre-se a verdade sobre o corpo, entendido como um organismo vivo. “A partir de Bichat o fenômeno patológico é percebido tendo a vida como pano de fundo, ligando-se, assim, às formas concretas e obrigatória que ela toma em uma individualidade orgânica.”<sup>120</sup>

### 3.3. O corpo vivo

A obra de Bichat, ao dialogar com o vitalismo e com a medicina das espécies, contribuiu, em conjunto com a obra de outros autores, para uma nova forma de objetivação do corpo e para a formação da biologia. Bichat faz parte de um desencadeamento histórico que possibilitou a formação discursiva da vida como objeto de análise que situa-se num nível diferente ao das ciências naturais, desencadeamento que privilegiou a idéia de organização e formulou o conceito de vida.

François Jacob, em *A Lógica da Vida*, tratou desta mudança epistemológica que possibilitou o surgimento das ciências da vida. Segundo ele, na segunda metade do século XVIII a natureza do conhecimento sofre alterações. Ao contrário do que acontecia na episteme clássica, fundamentada na observação da estrutura visível dos seres, a análise e a observação começam a tomar por objeto as relações internas que se estabelecem no interior dos objetos. “Progressivamente, é no interior dos corpos que reside a

---

<sup>119</sup> idem, p.226..

<sup>120</sup> idem, p.175.

possibilidade de sua existência.”<sup>121</sup> Na interação das partes encontra-se o significado do todo. “Os seres vivos tornam-se então conjuntos tridimensionais em que as estruturas se superpõem de acordo com uma ordem ditada pelo funcionamento do organismo considerado como uma totalidade.”<sup>122</sup> A idéia de organização vem à tona, pois é ela que faz os seres vivos se diferenciarem das coisas, reunindo em um todo as partes do organismo e permitindo-lhe enfrentar as exigências da vida. A organização passa a constituir uma estrutura de ordem superior a tudo o que se percebe nos seres. Com a passagem da classificação dos seres para o conhecimento da organização e da vida, torna-se possível o surgimento da biologia.

No início do século XVIII já se usavam expressões tais como ‘seres organizados’ ou ‘corpos organizados’; mas a organização, neste momento, representa apenas um grau particularmente elevado de complexidade nas estruturas visíveis, na articulação dos elementos que compõem um corpo. Mas, no final do século XVIII, a organização adquire uma função diferente. Passa a substituir a estrutura visível, fornecendo “um fundamento oculto aos dados mediatos da descrição, à totalidade do ser e de seu funcionamento.”<sup>123</sup>

Com a fisiologia de Lavoisier, a importância dos órgãos e de suas funções modifica-se, impondo-se a idéia de que existem grandes funções que satisfazem as necessidades do organismo.

Se a respiração é sempre uma combustão, todo ser vivo deve poder obter oxigênio, quaisquer que sejam sua forma e seu ‘habitat’. É preciso que haja um meio de encontrar combustão, eliminar os dejetos, adequar a temperatura, em suma, articular com precisão uma série de operações. Não é mais possível, então, considerar independentemente os pulmões ou o estômago, o coração ou os rins. O ser vivo não é mais uma simples associação de órgãos que funcionam automaticamente. É um todo em que as partes dependem umas das outras, sendo que cada uma desempenha uma função específica no interesse geral.<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> JACOB, François. *A Lógica da Vida: uma história da hereditariedade*. RJ: Edições Graal, 1983. p.81.

<sup>122</sup> Idem, p.81.

<sup>123</sup> Idem, p.90.

<sup>124</sup> Idem, p.90.



Muda também as análises anatômicas. Durante o século XVIII, cada animal tinha a sua estrutura anatômica analisada independentemente. No final do século a anatomia não se limita mais a descrever cada órgão de um ser isoladamente. Procura ligar o órgão à função, comparar o mesmo órgão em diferentes animais ou os diferentes tipos de órgãos em um mesmo animal. O que importa não é mais a diferença na superfície, mas a semelhança na profundidade.

Modificam-se as relações entre o exterior de um ser e o interior, entre a superfície e a profundidade, entre órgãos e funções. “O que se torna acessível à análise pela comparação dos organismos é um sistema de relações que se articulam na espessura do ser vivo para fazê-lo funcionar.”<sup>125</sup> A noção de organização começa a ganhar cada vez mais importância, permitindo percorrer o mundo vivo e ordenar sua complexidade. “É organização que dá aos seres vivos a lei interna que rege a própria possibilidade de sua existência.”<sup>126</sup>

Jacob afirma que a sobrevalorização da noção de organização gerou algumas conseqüências: 1- a totalidade do organismo passou a aparecer diante de um conjunto integrado de funções e de órgãos. O ser deve ser analisado não pelas partes, mas pela totalidade; 2- o conceito de organização possibilitou o desenvolvimento de uma idéia esboçada no século XVIII: o ser vivo não é uma estrutura isolada no vazio, insere-se na natureza, com a qual estabelece diferentes relações. Para a existência de um organismo é necessário um acordo com as condições exteriores; 3- “Com o conceito introduz-se um corte radical entre os objetos desse mundo. Até então, os corpos da natureza se repartiam em três reinos: animal, vegetal, mineral.”<sup>127</sup> Esta divisão colocava as coisas no mesmo nível que os seres, sendo imperceptíveis as transições entre o mineral e o vegetal, entre vegetal e o animal. Passam a existir apenas duas classes de corpos: o inorgânico, inanimado e o orgânico, que respira, alimenta e se reproduz. “Os seres separam-se definitivamente das coisas.”<sup>128</sup>

O que Kant chamou de campo transcendental, na biologia será definido pelo conceito de vida, que passa a servir de referência, permitindo à

---

<sup>125</sup> Idem, p.92.

<sup>126</sup> Idem, p.93.

<sup>127</sup> Idem, p.94.

<sup>128</sup> Idem, p.94.

consciência ligar as representações e estabelecer relações não somente entre os diferentes seres, mas entre os elementos de um diferente ser. “É a vida que, no estudo do mundo vivo, permite alcançar verdades *a posteriori* e realizar uma síntese.”<sup>129</sup>

A finalidade do ser vivo passa a ter sua origem na própria idéia de organismo, porque as partes devem se reproduzir reciprocamente, ligando-se entre si para formar o todo, porque, diz Kant, ‘os seres organizados devem se organizar.’ Um ser organizado não é simplesmente uma máquina, pois a máquina só possui uma força de movimento, enquanto a organização contém em si uma força de formação e de regulação que comunica aos materiais que os constituem.

A Idade clássica submeteu os seres às leis da mecânica para demonstrar a unidade do universo. No século XIX, isto se torna insuficiente, impondo-se a necessidade de discernir as propriedades do vivo.

O estudo dos seres não pode mais ser tratado como um prolongamento das ciências das coisas. Para analisar o vivo, é preciso métodos, conceitos e uma linguagem própria, pois as palavras introduzem, nas ciências dos corpos organizados, idéias que vêm das ciências físicas e que não se adéquam aos fenômenos da biologia.<sup>130</sup>

No século XIX, conceitos como os de gravidade, afinidade e movimento, oriundos da física, tornaram-se impróprios para descrever o funcionamento dos seres organizados. Para assegurar essa oposição dos seres e das coisas, foi preciso uma força de uma qualidade particular, o que Kant chamava ‘um princípio interior de ação’; foi preciso do conceito de vida.

O conceito de organização contém ao mesmo tempo o que permite a vida e o que é determinado por ela. Mas, apesar de estar na origem de todo ser, a vida não se sujeita à análise. “É a força obscura que confere seus atributos aos corpos organizados, que mantém as moléculas unidas, apesar das forças exteriores que tendem a separá-las.”<sup>131</sup> Pois o corpo vivo está sujeito à ação de forças variadas oriundas das coisas e dos seres e que

---

<sup>129</sup> Idem, p.95.

<sup>130</sup> Idem, p.97.

<sup>131</sup> Idem, p.97.

tendem a destruí-lo. Para resistir à ação destas forças, é preciso um princípio de reação. A vida é exatamente este princípio de luta contra a destruição.

A morte é a derrota deste princípio de resistência e o cadáver é apenas o corpo vivo submetido novamente ao domínio das forças físicas. As forças da ordem, da unificação e da vida se acham constantemente em uma luta com as da desordem, da destruição e da morte. O corpo vivo é o teatro desta luta e a saúde e a doença refletem suas peripécias.<sup>132</sup>

Durante a vida de um ser, as propriedades físicas são aprisionadas pelas propriedades vitais, pois a matéria bruta passa pelos corpos vivos e são por ele utilizados para o funcionamento de sua arquitetura. Mas este fenômeno não é durável, pois é uma característica das propriedades vitais esgotarem-se rapidamente. Se existem a morte e o fim da vida em um ser, no mundo vivo, pelo contrário, assistimos a uma continuidade. As propriedades vitais se conservam através do mundo vivo. Cada corpo vivo, antes de adquirir autonomia e tornar-se sede de uma vida independente primeiro participou, como feto, de outro ser de que depois se separou.

No começo do século XIX, o objeto deixa de ser somente a ordem que reina entre os seres vivos e passa a ser também a ordem interior do próprio organismo. A noção de função ganha importância:

Para estudar a organização de um animal, não basta dissecá-lo, distinguir todos os seus elementos e classificá-lo. É preciso analisar os órgãos em função do papel que desempenham na totalidade do organismo.<sup>133</sup>

O organismo deve ser estudado como um todo, pois sua separação em partes o desnatura. As partes anatômicas se articulam em uma ligação interna, em uma coordenação das funções que liga as estruturas em profundidade. Para analisar e classificar os seres vivos, é preciso distribuí-los a partir das grandes funções como a circulação, a respiração, a digestão, etc.

No século XIX, a existência de um ser depende de uma harmonia entre

---

<sup>132</sup> Idem, p.98.

<sup>133</sup> Idem, p.107.

seus órgãos, que decorre da interação de suas funções. No século XVIII, todas as diferenças entre as formas podiam se combinar infinitamente para produzir todas as variedades imagináveis de corpos vivos. No século XIX, isto só tem um valor abstrato. Nem tudo é permitido em matéria de variações. Só podem se realizar as combinações que satisfazem às exigências funcionais da vida. A estrutura de um organismo deve se adequar a um plano de conjunto, um plano de organização que coordena as atividades funcionais.

Além da macro-organização, que procura analisar as funções do organismo, revela-se uma micro-organização dos seres vivos. É a estrutura interna do organismo,

sua composição elementar que, para além da diversidade das formas, confere à substância de cada ser uma qualidade específica, uma textura, um conjunto de propriedades de que os corpos inorgânicos estão desprovidos.<sup>134</sup>

Como afirma Foucault, a anatomia de Bichat irá penetrar na estrutura invisível do corpo. Assim, o corpo passa a ser objetivado como um conjunto de tecidos que constituem órgãos, como um conjunto de órgãos que constituem um organismo. Bichat libertou a medicina do medo da morte, integrando-a

em um conjunto técnico e conceitual em que ela adquiriu suas características específicas e seu valor fundamental da experiência. De tal modo que o grande corte na história da medicina ocidental data precisamente no momento em que a experiência clínica tornou-se o olhar anátomo-clínico.<sup>135</sup>

A vida é entendida não como um conjunto de características que se distinguem do inorgânico, mas como fundamento a partir de que a oposição do organismo ao vivo pode ser percebido, situado e carregado de todos os valores positivos de um conflito. A doença não é mais uma essência ordenada que compromete a vida natural, mas algo que penetra na dimensão interior do corpo em uma constante e móvel relação da vida com a morte.

---

<sup>134</sup> idem, p.111.

<sup>135</sup> FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. pp.167-168.

A vida, com suas margens finitas e definidas de variação, vai desempenhar na anatomia patológica o papel que a ampla noção de natureza exercia na nosologia: o fundamento inesgotável mas limitado em que a doença encontra os recursos ordenados de suas desordens.<sup>136</sup>

Com o seu método de experimentação (dissecação e análise anatômica) e o seu novo conceito de doença, Bichat passou a objetivar o corpo por outro tipo de discurso. Discurso que formula suas verdades só depois de analisar a sua profundidade exaustivamente. Isso pode ser notado através de seus estudos sobre as membranas, presente no *Tratado das Membranas*; e em *Anatomia Geral Aplicada à Fisiologia e à Medicina*, obra na qual Bichat trata das propriedades vitais que comandam o organismo e dos elementos que compõem o corpo como os sólidos e fluidos, além de analisar cada tecido isoladamente e apresentar, com todas as suas atribuições, as diversas combinações possíveis para a formação dos órgãos.

Bichat critica o fato de os médicos não tomarem as membranas como objeto de estudo.

Os anatomistas, marcando a diferença da estrutura dos órgãos, esqueceram o que suas membranas respectivas podiam ter de analogia; eles a negligenciaram e não estabeleceram entre elas aproximações, deixando um vazio essencial.<sup>137</sup>

Haller não estabeleceu, em seu estudo sobre as membranas, nenhuma linha de demarcação entre elas. Uma textura análoga as confunde todas; elas não são, aos seus olhos, mais do que uma modificação do órgão celular que lhe fornece uma base comum, sempre fácil de reduzir ao seu estado primitivo.

Segundo Bichat, as membranas possuem diferenças tanto de composição quanto de tecido. Uma classificação das membranas deve ser muito composta, tanto pela sua espantosa multiplicidade, quanto por causa de

---

<sup>136</sup> idem, p.183.

<sup>137</sup> BICHAT, Xavier. *Traité des Membranes en general et des diverses membranes en particulier*. Paris: Richard, Caille et Ravier, 1799. p.02.

sua aparente variedade em cada região. Inicialmente é difícil notar aspectos parecidos entre as diversas membranas. No entanto, vê-se que são várias aproximações, e que embora uma confirmação exterior diferente pareça as distinguir, esta diferença não é, entretanto, mais do que a forma e a anulação no fundo de sua organização.

É preciso fixar quais membranas pertencem à mesma classe e quais são as que se isolam e se reaproximam entre si. As divisões devem se fundamentar sobre a natureza do órgão.

Não é sobre a identidade simultânea da conformação exterior, da estrutura, das propriedades vitais e das funções que deve que ser fundada a atribuição de duas membranas a uma mesma classe. Deixemos para as outras ciências os métodos artificiais de distribuição; não é pelos métodos naturalistas que seremos conduzidos a resultados úteis.<sup>138</sup>

De acordo com o método de classificação de Bichat, podemos relacionar as membranas a duas divisões gerais: 1- membranas simples; 2- membranas compostas. As simples são aquelas nas quais a existência isolada não se liga mais que por relações indiretas da organização com suas partes vizinhas; a membrana composta é aquela que resulta do conjunto de duas ou três precedentes, e que unem características bastante diferentes.

Existem três classes gerais de membranas simples: as mucosas, que se revestem o interior de todos os órgãos com cavidades que se comunicam com o exterior pelas diversas cavidades existentes no corpo; na segunda classe encontram-se as membranas lisas, caracterizadas pelo fluido linfático que a lubrifica sem cessar; a terceira classe compreende as membranas fibrosas, denominadas assim por sua textura, que nenhum fluido umedece. Compõem-se de fibras brancas análogas aos tendões. Cada uma dessas diversas membranas simples podem ajudar a formar membranas compostas, que Bichat divide em fibro-lisas, liso-mucosas e fibro mucosas.

Todo corpo organizado é composto de sólidos e de fluidos. Os fenômenos vivos nos mostram os fluidos em estado quase passivo e os sólidos

---

<sup>138</sup> Idem, p.05.

em um estado de atividade. "São os sólidos que recebem a excitação, e que reagem em virtude dessa excitação".<sup>139</sup> Os fluidos funcionam como excitantes. A impressão contínua dos fluidos sobre os sólidos constitui, em todas as partes, sensações contínuas que não estão relacionadas ao cérebro, que não são percebidos pela consciência: é a sensibilidade orgânica em exercício; ela difere da sensibilidade animal, na qual a alma tem consciência das sensações.

Se os fenômenos vitais seguem essencialmente nos sólidos, e os fenômenos mórbidos são alterações dos fenômenos vitais, é evidente que as doenças residem essencialmente nos sólidos, e que os fluidos lhes são, até certo ponto, estranhos. Mas os fluidos podem conter alguns germes funestos. Existem fluidos de composição e de decomposição. Os primeiros entram no corpo por todas as vias, se dirigem todos ao sangue, que lhe pertencem sob uma relação, e que, sob outra, pertencem ao fluido de decomposição.

Embora as propriedades vitais residam essencialmente nos sólidos, não podemos por isso considerar os fluidos como puramente inertes. Os fluidos possuem também uma espécie de vitalidade. Sem dúvida os sólidos são a sede do que sentimos, mas a causa não está nos fluidos?

É o sangue que, correndo com suas moléculas, vai exercitar todos os órgãos e, sobretudo o cérebro, porque a sensibilidade da víscera tem com os líquidos espirituosos uma relação mais particular, como a urina tem com a bexiga, o mercúrio com a saliva, etc.<sup>140</sup>

Bichat pergunta se a vitalidade dos fluidos não chega a influenciar o movimento dos organismos.

Tanto na saúde quanto na doença, as alterações dos fluidos são freqüentemente preexistentes àqueles sólidos que se alteram logo após; pois se trata de um círculo inevitável. Ora, as alterações dos fluidos parecem depender essencialmente do modo de mistura das partes não animalizadas com aquelas que são.

No século XVIII, o componente elementar dos seres vivos constituía a última etapa da análise anatômica, era encontrado quando se dissociavam os

---

<sup>139</sup> BICHAT, Xavier. *Recherches Physiologiques sur la vie et La mort et autres textes*. Paris: GF-Flammarion, 1994. p239.

<sup>140</sup> Idem, p.245.

músculos, os nervos ou os tendões: a fibra [...] Com a biologia, a situação muda. Apesar da diversidade de suas formas, os mesmos órgãos desempenham sempre as mesmas funções. Com Bichat, os diversos órgãos com funções diferentes não podem ter a mesma composição. Para Bichat, estes órgãos devem diferir não somente pela maneira como está disposta e entrecruzada a fibra que os forma, mas também pela própria natureza dessa fibra; há entre eles tanto diferença de composição quanto de tecido.

O que confere a um órgão suas propriedades não é mais somente sua forma: é antes de tudo a natureza, a especificidade do tecido que o constitui. À primeira vista, parece existir nos corpos vivos uma grande diversidade de tecidos. Entretanto, isto é apenas aparência, pois o tecido caracteriza não o órgão, mas o 'sistema', nervoso, muscular, ósseo, ligamentoso, etc. O sistema de certa forma representa o ponto de articulação entre a anatomia e a fisiologia, graças à qualidade de seu tecido. Um corpo vivo é assim preenchido por camadas de tecidos, lâminas de membranas que se estendem por muitos órgãos e cortam o espaço do corpo em grandes domínios funcionais."<sup>141</sup>

Estranhos aos corpos inertes, inerentes aos órgãos dos corpos vivos, os tecidos dependem da sua textura, da organização das suas moléculas. "Todos os animais possuem um conjunto de diversos órgãos que, executando cada um uma função, concorrem, cada um à sua maneira, para a conservação do todo."<sup>142</sup> Estes órgãos são formados por vários tecidos de natureza diferente. A química possui seus corpos simples, que formam, pelas diversas combinações possíveis, os corpos compostos: calor, luz, hidrogênio, oxigênio, carbono, etc. Da mesma forma, a anatomia possui seus corpos simples, que, por suas diversas possibilidades de combinações, formam os órgãos.

... assim como um corpo vivo é constituído pela união dos órgãos que, dependendo cada um de uma função, concorrem para as propriedades do todo, um órgão é freqüentemente composto pelo emaranhado de muitos tecidos que, desempenhando cada um o seu papel, dão à

---

<sup>141</sup> JACOB, François. *A Lógica da Vida: uma história da hereditariedade*. RJ: Edições Graal, 1983. pp.119-120.

<sup>142</sup> Idem, p.253



estrutura de conjunto uma série de qualidades.<sup>143</sup>

Bichat enumera 21 tipos de tecidos presentes na constituição dos órgãos: celular, nervoso da vida animal, nervoso da vida orgânica, arterial, venoso, dos vasos exalantes, dos absorventes, ósseo, medular, cartilaginoso, fibroso, fibrocartilaginoso, muscular animal, muscular, mucoso, seroso, sinovial, glanduloso, dermóide, epidermóide e piloso.

Eis aí os verdadeiros elementos organizados de nossas partes. Qualquer que seja o lugar no qual eles se encontram, sua natureza é constantemente a mesma, da mesma forma que na química os corpos não variam, quaisquer que sejam as composições que as ajudem a formar.<sup>144</sup>

Cada tecido possui especificidades próprias: 1º As formas são sempre diferentes; 2º a organização não é nunca análoga nos tecidos simples; 3º dando a cada sistema um arranjo orgânico diferente, a natureza o dotou de propriedades diferentes também. Independentemente destas diferenças, cada tecido possui um modo particular de forças, de sensibilidade, etc. Sobre este princípio repousa toda a teoria das secreções, das exalações, das absorções e da nutrição. “O sangue é uma reserva comum onde cada tecido escolhe o que está em relação com sua sensibilidade, para se apropriar, guardar, ou o rejeitar em seguida.”<sup>145</sup>

Em Bichat, o tecido aparece em um nível suplementar de organização. Constitui a última etapa para a análise anatômica, “aquilo a que se pode reduzir um corpo vivo com a ajuda do escalpelo e da tesoura.” O tecido configura-se como intermediário entre o órgão e a molécula. As propriedades de um corpo ou de suas partes não são inerentes às moléculas de matéria que as formam. “Na verdade elas desaparecem a partir do momento em que as moléculas se dispersam e perdem sua organização.” Os tecidos são matérias-primas destinadas à execução de uma função específica.

---

<sup>143</sup> Idem, p.120.

<sup>144</sup> BICHAT, Xavier. *Recherches Physiologiques sur la vie et La mort et autres textes*. Paris: GF- Flammarion, 1994. p.253.

<sup>145</sup> Idem, p.256.

O corpo que surge na obra de Bichat tem seus movimentos comandados pela vida. Em *Pesquisas fisiológicas sobre a vida e a morte*, Bichat define a vida como “o conjunto das funções que resistem à morte” Os seres vivos só existem por causa destas funções, pois tudo o que os cerca tende a destruí-los. “Os corpos inorgânicos agem sem cessar sobre eles [...]”<sup>146</sup> A vida é uma reação à ação dos corpos exteriores.

A vida se compõe de propriedades vitais, para compreendê-las, é preciso ir dos seres mais simples aos mais complexos. A maioria dos organismos vegetais vive no interior deles mesmos, não possuem uma relação com o meio que os envolvem a não ser pelo processo de nutrição.

A natureza dotou cada porção do vegetal da faculdade de sentir a impressão dos fluidos com as quais as fibras estão em contato, e de reagir sobre eles de uma maneira insensível, para lhe favorecer o curso.<sup>147</sup>

Para Bichat, os vegetais, esboço dos organismos mais complexos, possuem duas faculdades: uma sensibilidade orgânica e uma contratilidade orgânica insensível.

Se seguirmos a imensa série dos corpos vivos, veremos as propriedades vitais aumentar gradualmente em número e em energia, das plantas até chegar ao homem. Estes e as espécies vizinhas possuem todas as propriedades vitais, dentre as quais umas pertencem à sua vida orgânica, como as que dominam o vegetal, e outras à sua vida animal. “A sensibilidade orgânica e a contratilidade insensível estão evidentemente sobre sua dependência, no estado de saúde, e todos os fenômenos da circulação capilar das secreções, das absorções, das exalações, da nutrição, etc.”<sup>148</sup> A contratilidade orgânica sensível, sobretudo no estado de saúde, preside os movimentos necessários à digestão, aos que exigem a circulação dos vasos, pelo menos pelo sangue vermelho e pelo sangue negro do sistema geral, a excreção da urina, etc.

Da sensibilidade animal deriva, no estado de saúde, todas as sensações exteriores, a visão, a audição, o odor, o gosto, o tato; e todas as sensações

---

<sup>146</sup> Idem, p.58.

<sup>147</sup> Idem, p.222.

<sup>148</sup> Idem, p.224.

interiores como a sede e a fome. A contratilidade animal é o princípio da locomoção voluntária e da voz. As convulsões, os espasmos, as paralisias, etc., decorrem do aumento ou da diminuição desta propriedade. Segundo Bichat, todos os fenômenos fisiológicos se relacionam com estas propriedades. A vida pode ser dividida então em vida orgânica e vida animal.

A primeira é "a ordem que serve para a composição e a decomposição habituais de nossas partes, porque esta vida é comum a todos os seres organizados, aos vegetais e aos animais [...]"<sup>149</sup> A vida orgânica possui duas ordens de funções: a assimilação e a desassimilação. A organização é sempre a mesma, mas através destas ordens de funções os organismos variam a cada instante, pois a vida orgânica é uma circulação contínua de matéria. Através da assimilação, que resulta da digestão, da circulação, da respiração e da nutrição, o organismo se constitui, retendo para si os elementos necessários à sua formação. Através da desassimilação, composta pela "absorção, circulação, exalação e secreção," o organismo se decompõe, eliminando as moléculas não necessárias à sua constituição.

A segunda, que não existe na vida vegetal, é "a ordem das funções que nos coloca em relação com os corpos exteriores, indicando que esta ordem pertence unicamente aos animais." A vida animal também se constitui através de duas ordens de funções: a primeira ordem se estabelece do exterior do corpo em direção ao cérebro; a segunda, do cérebro em direção à locomoção e à voz. "A impressão dos objetos afeta sucessivamente os sentidos, os nervos e o cérebro. Os primeiros recebem, os segundos transmitem, o último percebe esta impressão, constituindo nossas sensações."<sup>150</sup> O animal é quase passivo nesta primeira ordem de funções, mas torna-se ativo na segunda, que resulta das ações sucessivas do cérebro onde nascem sensações, dos nervos que transmitem esta sensação, dos órgãos locomotores e vocais, agentes de sua execução. Os corpos exteriores agem sobre o animal através das primeiras ordens de funções; através das segundas, o animal reage a estas ações.

Através de uma historicização das condições epistemológicas que possibilitaram o surgimento da medicina moderna, *O nascimento da clínica* provoca uma cisão na relação da filosofia com o corpo, colocando-o em cena e

---

<sup>149</sup> Idem, p.272.

<sup>150</sup> Idem, p.62.

dizendo que não devemos tomá-lo como uma verdade essencial, como um dado natural. A obra de Bichat possibilitou uma mudança no fundamento epistemológico em que a medicina apoiava seu olhar; o corpo ganha materialidade, torna-se um organismo vivo que possui órgãos, se deslocando da concepção da filosofia clássica, que o via em uma posição periférica. A noção de corpo que constitui a modernidade foi produzida por um médico obcecado pela morte, que morreu aos 31 anos de idade tendo feito a dissecação de mais de 300 cadáveres. Com este fascínio pela morte, Bichat faz aparecer uma nova concepção de vida, tendo em si mesmo o maior exemplo: a vida é invenção em todos os sentidos.

#### **4. Considerações finais:**

##### **A subversão do pensamento sobre o corpo**

De uma maneira geral, o corpo sempre foi relegado a um segundo plano como objeto de reflexão filosófica. Desde o seu início, a filosofia procurou se ocupar com a alma e com o espírito, objetos que propiciariam uma possibilidade maior de contato com a verdade. A filosofia de Platão, na Antigüidade, privilegiou o mundo das idéias, afirmando que é neste mundo que reside a essência exata das coisas e dos seres. A filosofia platônica inaugurou a tradição filosófica que desprivilegiou o corpo como objeto e criou o dualismo, responsável pela divisão corpo-alma.

Este dualismo permeou toda a história da filosofia ocidental. Como afirma Koyré, em *Aristotelismo e Platonismo na Filosofia da Idade Média*, o pensamento medieval constituiu-se através de alguns filósofos que se utilizaram das idéias de Platão, como é o caso de Santo Agostinho, e de outros que se apropriaram das idéias de Aristóteles, como é o caso de Santo Tomás de Aquino. O platonismo medieval despreza o corpo, preocupando-se apenas em estudar as verdades que se manifestam na alma. O corpo é visto como um navio e a alma como um piloto desse navio, direcionando-o em todos os momentos. Para o aristotelismo, o corpo não é tão desprezado quanto para o platonismo, mas ainda sim se coloca num segundo plano. O homem não é visto simplesmente como uma alma encerrada em um corpo, mas como um animal racional e mortal que possui uma alma. A natureza do homem abrange tanto o corpo quanto a alma.

A filosofia cartesiana refundou o dualismo filosófico na Idade Clássica, a divisão corpo-alma, e formulou os preceitos modernos responsáveis pela sobrevalorização da alma em detrimento do corpo. Descartes produziu sua filosofia no momento da constituição da física mecanicista, que tem por objeto os fenômenos que podem ser matematizados por possuírem regularidades. Assim, o cartesianismo tentou definir tudo o que existe através de conceitos oriundos das ciências exatas, definindo o corpo como uma máquina que obedece aos estímulos da alma. Descartes utiliza a tradição dualista, pois nele persiste a divisão corpo-alma, e lhe acrescenta algo de novo: com o

mecanicismo, a alma não dirige o corpo arbitrariamente, mas obedece a determinadas regras e leis que podem ser medidas e estudadas porque possuem regularidades.

Ao mesmo tempo em que instaura uma tradição na filosofia, centrando-se na verdade e na unidade do sujeito, a definição cartesiana de corpo passa a ser predominante mesmo em outros domínios de saber. Longe de se restringir aos domínios da filosofia, o mecanicismo se estendeu para a fisiologia e para a medicina. Jacob afirma que, nos séculos XVII e XVIII, o corpo era apreendido como uma máquina em todos os níveis de discurso. Como nos mostrou Canguilhem, a obra de Vesálio foi esquecida e deixada de lado devido à ascensão do mecanicismo de Galileu e Descartes. As reflexões cartesianas provocaram mudanças históricas na filosofia, na fisiologia e na medicina.

Mas a fisiologia e a medicina não permaneceram em continuidade com o cartesianismo por muito tempo. Já no século XVIII, os médicos vitalistas começaram a se opor ao mecanicismo, acreditando que a teoria do animal-máquina era reducionista ao conceber o corpo submetido às leis físicas. Os vitalistas começaram a formular conceitos, como o de 'princípio vital', para provar que existem outras forças, além das forças físicas, responsáveis pelos movimentos do corpo. A polêmica entre os mecanicistas e os vitalistas durou até o momento em que Bichat e seus contemporâneos fundaram a biologia e formularam o conceito de corpo-organismo, buscando superar o legado de Descartes no âmbito da biologia. Assim, as ciências da vida se constituíram, no século XIX, numa descontinuidade em relação ao mecanicismo cartesiano, formulando outras verdades sobre o corpo. Este novo conceito de corpo foi de extrema importância para a formação da subjetividade do homem moderno, estendendo-se através da medicina, por toda a sociedade.

No que concerne à historicidade da relação da filosofia com o corpo, podemos dizer que o dualismo cartesiano foi assimilado pela grande maioria dos filósofos modernos, que desprivilegiaram o corpo e sobrevalorizaram a alma como objeto que possibilita a apreensão da verdade e da essência do sujeito. Com isso não queremos dizer que a obra de Descartes não possui discordâncias – as análises de Deleuze mostraram que mesmo no auge do mecanicismo, séculos XVII e XVIII, filósofos como Leibniz e Espinosa se opuseram a esta apreensão do corpo; no século XIX, temos em Nietzsche o

seu principal opositor. Mas, mesmo com as críticas destes e de outros autores, a obra de Descartes seguiu sendo referência para a filosofia moderna. Como afirma Barbara Stiegler, o racionalismo cartesiano deu o pontapé inicial para a filosofia moderna. Ao optar pela alma, Descartes estava interessado em alcançar uma representação exata de nossa unidade subjetiva, colocando a questão de saber se um sujeito é capaz de experimentar-se como uno, de conceber-se a si mesmo como um ego. A filosofia cartesiana começa “metodicamente pela ‘representação exata’ do sujeito por ele mesmo.”<sup>151</sup> Esta representação de si passa pela valorização metódica da clareza (alma), e ignora deliberadamente o que está na sombra, na escuridão (corpo).

A filosofia contemporânea, mesmo quando não discute diretamente a relação corpo-alma, acaba assimilando a dicotomia cartesiana, pois toma como objeto a unidade do sujeito e a essência, que surge em decorrência da alma como objeto central. É neste sentido que Foucault irá dizer que mesmo dando atenção ao corpo, em Merleau-Ponty o *Cogito* permanece central. Com os seus estudos sobre o corpo e com suas tentativas de distanciamento de Descartes, Merleau-Ponty permanece ligado ao legado cartesiano. “O *Cogito*... abre-me o acesso a todo um campo de conhecimentos”. Sua fenomenologia reformula o cartesianismo ao desenvolver um projeto filosófico de enraizamento da consciência no corpo.

Se em Descartes o corpo é visto apenas como um objeto dentre os demais, em Merleau-Ponty ele é concebido como algo que esboça, ele também, o movimento da existência. O ser não é uma alma alojada numa máquina, mas ao contrário, uma fusão entre a alma e o corpo, a sublimação da existência biológica em existência pessoal. Merleau-Ponty se afasta de uma explicação mecânica do corpo. Isto porque ciências como a biologia e a psicologia foram obrigadas a considerar a significação e o valor dos processos vitais, que são atributos do organismo, portador de correlações vitais que a análise descobre.

Merleau-Ponty se afasta de uma definição objetivista de corpo e se apropria das pesquisas das ciências da vida para formular a noção de corpo fenomenal. Mas este conceito formulado por ele é ainda tributário do

---

<sup>151</sup> STIEGLER, Bárbara. *¿Que cambia poner el cuerpo em lugar del alma? Nietzsche entre Descartes, Kant e la biología.* in.: Eidos n°1, 2003. p.130.

cartesianismo, pois concebe o organismo como a apreensão da estrutura originária do corpo. A filosofia merleau-pontiana, mesmo revendo as relações entre o corpo e a alma, preocupou-se em formular um conhecimento sobre o sujeito, sobre sua origem e sua unidade. Sua fenomenologia parte da existência e da facticidade do homem para definir as essências e as verdades desta facticidade, pois “A Fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas segundo ela, resume-se em definir essências.”<sup>152</sup>

Ao contrário de Merleau-Ponty, Foucault não pensa o corpo se inserindo na tradição cartesiana, pois o objetivo de suas reflexões está longe de ser um estudo sobre a unidade do sujeito. Foucault se utiliza do conceito de vida presente na obra de Canguilhem e promove outras discussões acerca do problema do corpo. Para se afastar do cartesianismo e da fenomenologia de Merleau-Ponty, Foucault discute o conceito de corpo fora do gabinete do filósofo, deixando para trás os seus métodos e conceitos. Ao abandonar tais conceitos e métodos, ele penetra em um território estranho à filosofia, o laboratório do anatomista. É a descontinuidade provocada pela obra de Bichat em relação ao cartesianismo, no final do século XVIII, que Foucault investiga.

Foucault irá levar o olhar filosófico para assistir as lições de anatomia. Ali, instalará o seu observatório filosófico. Como aprendiz paciente, ele irá se instruir com o anatomista que talha e abre o corpo morto estendido sobre a mesa central do laboratório. Sem dúvida, é a filosofia a golpes de escalpelo, como aprendeu com seu mestre Canguilhem. Poderíamos nos perguntar se não é este escalpelo, que abre alguns cadáveres, o responsável por liberar o pensamento contemporâneo da antiga dicotomia corpo e alma. Sim, pois sabemos que para Descartes o corpo era compreendido como extensão. Talvez o que a filosofia de Foucault nos mostre com evidente clareza é que sobre a mesa do anatomista se encontra, doravante aberto pelo escalpelo de Bichat, o corpo morto da filosofia cartesiana.

Mas *O Nascimento da Clínica* vai mais além ainda, não se restringe a uma oposição ao corpo-alma que dominou por muito tempo a filosofia. Ao enfatizar o corpo visceral, Foucault toca numa questão que será de extrema importância para *As Palavras e as Coisas*: o corpo é algo corruptível e

---

<sup>152</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. SP: Martins Fontes, 1999. p. 01.



expressa a finitude do homem, que possui vida mas está sujeito às forças da morte, que se manifestam através da doença, opondo-se à atividade do corpo vivo. A representação deixa de se desdobrar num quadro ordenado e passa a ser, do lado desse indivíduo empírico que é o homem, “o fenômeno [...] de uma ordem que pertence às coisas mesmas e à sua lei interior. Na representação, os seres não manifestam mais a sua identidade, mas a relação exterior que estabelecem com o ser humano.”<sup>153</sup> O homem aparece como objeto de conhecimento quando surge o vão disposto pelos seres vivos, pelos objetos de troca e pelas palavras. “A finitude do homem se anuncia na positividade do saber; sabe-se que o homem é finito, como se conhecem a anatomia do cérebro, o mecanismo dos custos de produção ou o sistema de conjugação indo-européia.”<sup>154</sup>

Ao homem é dado um corpo sólido, fragmento de espaço ambíguo, espacialidade própria e irreduzível que se articula com o espaço das coisas. Com a modernidade, o homem começa a existir “no interior de seu organismo, na concha de sua cabeça, na armadura de seus membros e em meio a toda nervura de sua fisiologia [...]”<sup>155</sup> Toda esta discussão que está presente na arqueologia dos saberes já havia sido tratada na arqueologia do olhar médico, pelo menos no que diz respeito às análises sobre as ciências da vida.

Mas a passagem para a episteme moderna só foi possível quando os conteúdos empíricos foram desligados da representação e passaram a ter em si mesmos o princípio de sua existência, “então a metafísica do infinito tornou-se inútil; a finitude não cessou mais de remeter a ela própria”<sup>156</sup>, invertendo todo o campo do pensamento ocidental. No lugar de uma metafísica da representação, constitui-se uma analítica da finitude e da existência humana e uma perpétua tentação de constituir uma metafísica da vida, do trabalho e da linguagem.

Juntos, os estudos de *O Nascimento da Clínica* e de *As Palavras e as Coisas* permitiram a Foucault se distanciar da analítica da finitude e do sono antropológico, do qual, na França, a fenomenologia, mas não apenas, foi o seu

---

<sup>153</sup> FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. SP: Martins Fontes, 1999.p.431.

<sup>154</sup> Idem, p.433.

<sup>155</sup> Idem, p.438.

<sup>156</sup> Idem, p.437.

principal representante. A filosofia deve despertar-se do sono antropológico, que teve indubitavelmente um papel constituinte no pensamento moderno. Ela teve seu surgimento quando a representação perdeu o poder de manifestar a identidade do ser. A partir deste momento, o conhecimento constituiu-se como conhecimento que toma a finitude do homem como objeto. E a filosofia adormeceu no sono antropológico, pois todo o “conhecimento empírico concernente ao homem” é um campo filosófico em potencial, em que se deve buscar o fundamento do conhecimento, “a definição de seus limites e, finalmente, a verdade da verdade.”<sup>157</sup> A Antropologia revela-se um obstáculo tenaz a um pensamento porvir.

A todos os que pretendem ainda falar do homem... sobre o que é o homem em sua essência, a todos os que pretendem partir dele para ter acesso à verdade, a todos os que, em contrapartida, reconduzem todo conhecimento às verdades do próprio homem... a todos os que querem formalizar sem antropologizar, a todas essas formas de reflexão canhestras e distorcidas, só se pode opor um riso filosófico— isto é, de certo modo, silencioso.<sup>158</sup>

Segundo Foucault, devemos ver o primeiro esforço de desenraizamento da Antropologia, que permeia todo o pensamento contemporâneo, na experiência de Nietzsche:

através de uma crítica filológica, através de uma certa forma de biologismo, Nietzsche reencontrou o ponto onde o homem e deus pertencem um ao outro, onde a morte do segundo é sinônimo do desaparecimento do primeiro, e onde a promessa do super-homem significa, primeiramente e antes de tudo, a iminência da morte do homem.<sup>159</sup>

Em nossos dias não é tanto a ausência ou morte de deus que é afirmada, mas sim o fim do homem. “O homem é uma invenção cuja recente

---

<sup>157</sup> Idem, p.472.

<sup>158</sup> Idem, p.473.

<sup>159</sup> Idem, p.473.

data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo.”<sup>160</sup>

No seu livro sobre Foucault, Deleuze afirma que na formação clássica as forças no homem entram em relação com forças de elevação ao infinito. Forças de fora, já que o homem é limitado e não pode dar conta dessa potência mais perfeita que o atravessa: “o composto é a forma-Deus, nunca uma forma-Homem. Esse é o mundo da representação infinita.”<sup>161</sup> Na formação moderna, as forças que compõem o homem entram em relação com novas forças de fora, que são forças de finitude. Essas forças são a vida, o trabalho e a linguagem, que provocaram o nascimento da biologia, da economia política e da lingüística. Na forma-Deus o homem ainda não existe, mas quando a forma-Homem aparece, ela, necessariamente já compreende a morte do homem. Neste ponto Deleuze coloca uma questão, que é a seguinte: “Quais são as novas forças com as quais os homens correm o risco de se depararem?” Ao que podemos responder, no nível de análise em que se insere este trabalho, que o homem que possui um corpo composto por órgãos entra em relação, no mundo contemporâneo, com o mundo da biologia molecular, onde a vida dispersa se reúne no código genético. “As forças no homem entram em relação com as forças de fora, as do silício, que se vinga do carbono, as dos componentes genéticos, que se vingam do organismo...”<sup>162</sup> Neste ponto, Deleuze faz uma referência ao super-homem nietzscheano: “o homem aprisionou a vida, o super-homem é aquele que libera a vida dentro do próprio homem, em proveito de uma outra forma...”<sup>163</sup>

Se o papel do pensamento é o de estabelecer uma reflexão crítica sobre a atualidade, a caixa de ferramentas deixada por Foucault é de fundamental importância para pensar o que se passa em nossos dias. No início deste ano o mundo se chocou com uma notícia no mínimo intrigante. O atleta sul-africano Oscar Pistorius foi proibido pela Associação Internacional das Federações Atléticas (IAAF) de participar das Olimpíadas de Pequim por ter uma vantagem mecânica sobre seus adversários. Devido a um problema nas pernas, Pistorius

---

<sup>160</sup> Idem, p.536.

<sup>161</sup> DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991. p.134.

<sup>162</sup> Idem, p.141.

<sup>163</sup> Idem, p.140.

teve as duas pernas amputadas sob o joelho quando tinha onze meses. Em seu lugar, usa uma prótese de fibra de carbono com a forma da letra "J".

Interessado em atletismo e esportes, Pistorius conquistou o recorde mundial dos 100, 200 e 400 metros nas Paraolimpíadas, e a coisa se complicou quando ele começou a marcar tempos que o qualificavam para representar seu país nas Olimpíadas. No ano passado, ficou em segundo lugar na prova de 400 metros do campeonato sul-africano. O atual recorde mundial é de 43,18 segundos. Pistorius consegue marcar 46,56 segundos. E seu tempo está baixando progressivamente. Para chegar a sua decisão, a IAAF submeteu a prótese a uma série de testes, que mostraram que o atleta pode correr na mesma velocidade que atletas sem deficiência usando 25% menos energia. A lâmina protética retorna três vezes mais energia do que o calcanhar humano sob tensão máxima. Como afirma Marcelo Gleiser,

Temos aqui um dos primeiros casos nos quais a tecnologia modifica o corpo a ponto de criar um ser híbrido que não pode mais, ao menos segundo as regras do atletismo internacional, ser considerado humano. Em breve, os atletas mais velozes do mundo não terão pernas. Ao menos pernas de carne e osso.<sup>164</sup>

Devemos lembrar que a alteração do organismo não é possível apenas com a utilização de membros mecânicos; o organismo está fadado a ser modificado pelo silício e pela eletrônica.

As filosofias que se apegam ao homem e ao organismo como o lugar da verdade e a manifestação da estrutura originária do ser vêm-se limitadas face aos corpos produzidos na contemporaneidade. Os conceitos produzidos por estas análises tornam-se obsoletos; se Nietzsche era extemporâneo no século XIX, estas filosofias mostram-se perecidas no mundo contemporâneo. O pensamento torna-se impossível para elas, inoperante, pois no lugar do corpo-essência encontra-se apenas um vazio, deixado pelo fim do organismo, algo concebido por elas como uma deformação, uma bizarrice só compreensível no mundo da ficção científica. As antropologias se vêm caídas, desestruturadas,

---

<sup>164</sup> GLEISER, Marcelo. *O Homem Biônico*. In.: Folha de São Paulo. São Paulo, 2008.

procuram o homem para tomá-lo como objeto de reflexão filosófica, mas não o encontram; quando muito, dizem que a tecnologia destrói o homem e que devemos empreender uma luta contra ela se quisermos conservar os valores humanos. Ao contrário, apresenta-se como de extrema importância o pensamento que mostra que o organismo trata-se apenas de mais uma forma de se objetivar o corpo, que a forma-Homem só foi possível com as forças da finitude que constituem a modernidade (Foucault); o pensamento que inverte a teoria da máquina e vê a técnica como desdobramento da vida, que diante das dificuldades impostas pelo meio inventa um novo corpo que ultrapassa o organismo (Canguilhem); o pensamento que busca em Artaud um meio para criar um corpo sem órgãos e que afirma que um nômade, montado em um cavalo e com uma lança na mão constitui um outro corpo, uma máquina de guerra (Deleuze); o pensamento que valoriza a potência criadora do super-homem, que toma o corpo como fio condutor e enfatiza sua mutabilidade através dos fluxos desorganizados que o constituem a cada instante, que define a vida como criação artística, manifestação de aparências (Nietzsche). Para discutir os corpos que tornam-se possíveis a partir segunda metade do século XX, a conexão Nietzsche-Canguilhem-Foucault-Deleuze pode ser de extrema importância: eles elaboram uma filosofia que os definem por uma fundamental indefinição.

## 5. Referências

BICHAT, Xavier. *Traité des Membranes em general et des diverses membranes em particulier*. Paris: Richard, Caille et Ravier, 1799.

Disponível em :

<http://web2.bium.univ-paris5.fr/livanc/?cote=178241&do=chapitre>

Acesso em : 25 de agosto de 2007.

BICHAT, Xavier. *Anatomie Patologique*. Paris : J.-B. Baillière, 1825.

Disponível em :

<http://web2.bium.univ-paris5.fr/livanc/?cote=83418&p=26&do=page>

Acesso em : 25 de agosto de 2007.

BICHAT, Xavier. *Recherches Physiologiques sur la vie et La mort et autres textes*. Paris: GF- Flammarion, 1994.

CANGUILHEM, Georges. *Études D'histoire et de Philosophie des Sciences*. Paris: Librairie Philosophie J. Vrin.

\_\_\_\_\_. Georges. Vie. In. Enciclopédia Universal. Paris, 1974.

\_\_\_\_\_. Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. La Connaissance de la Vie. Paris: Librairie Philosophique, 1992.

\_\_\_\_\_. *Études D'Histoire et de Philosophie des Sciences*. Paris:

Librairie Philosophique, 1983.

DAGOGNET, François. *Georges Canguilhem: Philosophe de la vie*. Paris: Institut Synthélabo, 1997.

DELAPORTE, François. *Filosofía de los acontecimientos: biología, medicina, epistemología*. Editora Universidad de Antioquia, 2002

DESCARTES, René. *Os Pensadores*. SP: Abril Cultural, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. RJ: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. RJ: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. RJ: Forense Universitária, 2006

\_\_\_\_\_. *Estratégia, Poder-Saber*. RJ: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ética, Sexualidade, Política*. RJ: Forense Universitária, 2006

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. SP: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *História da Loucura na Idade Clássica*. SP: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade, 1: A vontade de saber*, RJ: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade, 2: O uso dos prazeres*; RJ: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade, 3: O Cuidado de si*; RJ: Edições Graal, 1985

\_\_\_\_\_. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. RJ: Editora Vozes, 1987.



GLEISER, Marcelo. *O Homem Biônico*. In.:Folha de São Paulo. São Paulo, 2008.

GOLDSTEIN, Kurt. *La structure de l'organisme*. Paris: Éditions Gallimard, 1951.

JACOB, François. *A lógica da vida: uma história da hereditariedade*. RJ: Edições Graal, 1983.

JÚNIOR, Nelson Coelho. DO CARMO, Paulo Sérgio. *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência*. São Paulo: Escuta 1991.

KOHAM, Walter Omar. (org.) *Foucault 80 anos* BH: Autêntica, 2006.

KOYRÈ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento Filosófico*. Ed. Forense Universitária.

LAPOUJADE, David. *O corpo que não agüenta mais*. in: *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Org. LINS, Daniel. e GADELHA, Sylvio. RJ: Relume Dumará, 2002.

MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: a trajetória arqueológica de Michel Foucault*.RJ: Graal, 1978.

\_\_\_\_\_, Roberto. *Foucault, a filosofia e a Literatura*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1975.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia da Percepção*. SP: Martins Fontes, 1999

\_\_\_\_\_. *Parcours deux*. Paris: Éditions Verdier, 2000.

\_\_\_\_\_. *Textos Seleccionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

PICHOT, André. *Présentation*. in.: *Recherches Physiologiques sur la vie et La mort et autres textes*. Paris: GF- Flammarion, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. RJ: Editora Vozes, 1997.

STIEGLER, Bárbara. *¿Que cambia poner el cuerpo em lugar Del alma? Nietzsche entre Descartes, Kant e la biologia*. in.: *Eidos* n°1, 2003.

TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Ed. UCG: Ed. da UFG, 1998.